

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis

PATRÍCIA HARUKO HIKITA

**A PSICANÁLISE APLICADA DE FREUD E SEUS DESDOBRAMENTOS
EPISTEMOLÓGICOS**

ASSIS

2023

PATRÍCIA HARUKO HIKITA

**A PSICANÁLISE APLICADA DE FREUD E SEUS DESDOBRAMENTOS
EPISTEMOLÓGICOS**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Orientador: Gustavo Henrique Dionísio

ASSIS

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

H639p Hikita, Patrícia Haruko
A psicanálise aplicada de Freud e seus
desdobramentos epistemológicos / Patrícia Haruko
Hikita. — Assis, 2023
107 p. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Dr. Gustavo Henrique Dionísio

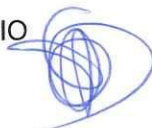
1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Psicanálise.
3. Psicanálise e ética. I. Título.

CDD 150.1952

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE PATRICIA HARUKO HIKITA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 14 dias do mês de setembro do ano de 2023, às 14:00 horas, no(a) Sala 4 Prédio de História e Sala Virtual: meet.google.com/qvh-efxj-uf0, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de PATRICIA HARUKO HIKITA, intitulada **A PSICANÁLISE APLICADA DE FREUD E SEUS DESDOBRAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. GUSTAVO HENRIQUE DIONISIO (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) Departamento de Psicologia Clínica / UNESP/FCL - Assis/SP, Prof. Dr. JORGE LUÍS FERREIRA ABRÃO (Participação Presencial) do(a) Departamento de Psicologia Clínica / UNESP/FCL - Assis/SP, Prof. Dr. ERICO BRUNO VIANA CAMPOS (Participação Virtual) do(a) UNESP/FC - Bauru/SP. Após a exposição pela mestrande e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. GUSTAVO HENRIQUE DIONISIO



Dedico à minha família, por acreditarem e por me movimentarem na vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao professor e orientador Gustavo Henrique Dionísio, por apostar nesta pesquisa junto a mim e por me auxiliar com maestria a construí-la. Por abrir-me as portas do desejo pela psicanálise no meu segundo ano de graduação, ainda em 2013, quando lecionou a disciplina de Teorias Psicanalíticas, e também por ter estado presente nos meus primeiros passos na clínica, como supervisor, no quarto e quinto ano de formação. Expresso meu muito obrigada e minha grande admiração pelo profissional que é.

À universidade pública, principalmente à Unesp de Assis, minha primeira casa do saber, que mesmo com tantos ataques segue resistindo e persistindo na sua produção e transmissão do conhecimento.

Ao meu marido e companheiro de vida, Bruno Seabra Santos, por toda paciência e compreensão nos meus momentos de ausência devido à elaboração desta pesquisa, e pelo companheirismo e carinho dedicados a mim. A vida é melhor quando se tem alguém com quem compartilhar.

Aos meus irmãos, Harumi e Kiyoshi, que sempre acreditaram em mim, às minhas sobrinhas, Julia e Livia, e aos meus sobrinhos, Ethan e Noah.

À Ikki e à Eevee, que representam o amor em quatro patas, por cada *lambeijo* nos momentos difíceis.

Aos meus pacientes, que me ensinam diariamente o que é fazer psicanálise.

Aos meus dois grandes amigos que a trajetória na psicanálise me presenteou, Amanda Calvetti e Bruno Dal Pasquale. Agradeço por tantas trocas ao longo dos dias e dos anos.

À minha sogra e ao meu sogro, Vina Borges e José Carlos Seabra Santos, que me acolheram em suas respectivas famílias.

À minha mãe, Zilma Tavares, por ter me dado um dos maiores bens que se pode ter: a oportunidade de alçar voos cada vez mais altos.

Ao meu pai, Jorge Hikita (*in memoriam*), que lenta e precocemente nos deixou, mas que me transmitiu o que só pode ser transmitido na morte: a potencialidade e o desejo da vida.

“Aquilo que herdaste de teus pais,
conquista-o para fazê-lo teu”
(Goethe, citado por Freud, 1913, p. 165).

RESUMO

A presente pesquisa busca apresentar os desdobramentos epistemológicos advindos do conceito de Psicanálise Aplicada de Freud a partir de duas categorias dessa modalidade de pesquisa, a saber: psicanálise sociopolítica ou cultural e psicanálise ética-estética. Entende-se por psicanálise aplicada a pesquisa psicanalítica fora do *setting* terapêutico tradicional, que tem como característica o diálogo com outras áreas do saber. Em um primeiro momento, investigamos a presença da modalidade de aplicação nas obras de Freud, pensando em suas funções, profundidades e intenções do psicanalista ao usá-las. Posteriormente, a partir das problemáticas levantadas por teóricos no que tange tal modalidade, perpassamos por suas considerações acerca da psicanálise aplicada, tal como a verdade contida nas aplicações, o analisável e o não analisável, até uma possível função para a psicanálise extra clínica. Em seguida apresentamos as categorias supracitadas a partir da análise de textos paradigmáticos e pragmáticos no que dizem respeito a esses organizadores do campo, mostrando de que forma as aplicações se articulam aos balizadores clínicos da psicanálise. Concluimos que os autores que teorizaram sobre as aplicações buscaram ressignificá-las, trazendo-as cada vez mais próximas a uma ética clínica da psicanálise e buscando um afastamento de uma psicanálise selvagem. Identificamos também que o que estaria em jogo no trabalho com tais aplicações seria a transmissão e afirmação da psicanálise, além de uma tentativa de alcançar o método psicanalítico.

Palavras-chave: Freud; Psicanálise Aplicada; Psicanálise em Extensão; psicanálise implicada; Interações da Psicanálise.

ABSTRACT

This research sought to present the epistemological developments from Freud's concept of applied psychoanalysis, based on two categories of this type of research: socio-political or cultural psychoanalysis and ethical-aesthetic psychoanalysis. Applied psychoanalysis is understood as psychoanalytic research outside the traditional therapeutic setting, which is characterized by dialogue with other areas of knowledge. At first, we investigated the presence of the modality of application in Freud's works, thinking about its functions, depths and the psychoanalyst's intentions to use them. Subsequently, from the issues raised by theorists regarding this modality, we went through their considerations about applied psychoanalysis, such as the truth contained in the applications, the analyzable and the non-analyzable, to a possible function for extra-clinical psychoanalysis. Afterwards, we present the aforementioned categories, based on the analysis of paradigmatic and pragmatic texts regarding these organizers of the field, showing how the applications are articulated with the clinical benchmarks of psychoanalysis. We conclude that the authors who developed the applications sought to re-signify them, making them closer and closer to clinical ethics of psychoanalysis and moving away from wild psychoanalysis. And what would be at stake with the applications would be the transmission and affirmation of psychoanalysis, in addition to an attempt to achieve the psychoanalytic method.

Keywords: Freud; Applied Psychoanalysis; Psychoanalysis in Extension; Implicated Psychoanalysis; Interactions of Psychoanalysis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Retrato de Sant’Ana com a Madona e o Menino, de Leonardo da Vinci..	63
Figura 2 – Retrato de Mona Lisa, de Leonardo da Vinci	64
Figura 3 – A estátua de Moisés, de Michelangelo.....	68
Figura 4 – A persistência da memória, de Salvador Dali.....	73
Figura 5 – Ceci n’est pas une pipe, de René Magritte.....	74

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 O INÍCIO DA PSICANÁLISE	18
1.1 Psicanálise pura e Psicanálise Aplicada.....	18
1.2 Freud e a aplicação	21
1.3 Os textos aplicados de Freud	29
1.4 Considerações acerca da Psicanálise Aplicada.....	34
2 DA APLICAÇÃO À EXTENSÃO	43
2.1 A psicanálise em extensão de Lacan.....	43
2.2 Do início da cultura à sua manutenção	45
2.3 Uma psicanálise sociopolítica	54
2.4 A psicanálise aplicada de Leonardo a Moisés.....	59
2.5 Uma psicanálise ética-estética.....	72
3 DA APLICAÇÃO À IMPLICAÇÃO	78
3.1 A Psicanálise Implicada de Debieux Rosa	78
3.2 A Psicanálise Implicada de Frayze-Pereira.....	79
4 A PARTIR DA PSICANÁLISE APLICADA	82
4.1 A Psicanálise Extramuros de Laplanche.....	82
4.2 As Interações da Psicanálise de Mijolla-Mellor	84
4.3 A Clínica Extensa de Herrmann	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS.....	94

INTRODUÇÃO

“Quero expressar o desejo de que a sorte proporcione um caminho de elevação muito agradável a todos aqueles que acharam a estada no submundo da psicanálise desagradável demais para o seu gosto. E possamos nós, os que ficamos, desenvolver até o fim, sem atropelos, nosso trabalho nas profundezas.”

(Freud, 1914/1996f, p. 73)

“Como escrever um tratado de Filosofia sobre Freud, sabendo por experiência própria que a psicanálise ultrapassa em muito o domínio teórico?” (Mezan, 1985, p. 17). Com esta pergunta retórica Mezan introduz seu livro *Freud, pensador da cultura*, fruto de sua tese de doutorado. Esta indagação, recortada do local de origem, poderia nos levar a pensar nas três definições que Freud colocou para a psicanálise: uma teoria psicológica, mas também um método e uma terapêutica. Essas variações são a essência do trabalho que se apresentará ao longo desta dissertação. Contudo, em seu local de origem (Mezan, 1985), a indagação leva-nos a uma questão pouco discutida, embora factualmente presente: escrever sobre psicanálise, estando atravessado por ela, não é tarefa fácil, e as escolhas não são arbitrárias.

O tema deste trabalho — psicanálise aplicada — surgiu a partir de uma questão da pesquisadora, que havia, por meio de uma residência multiprofissional, se proposto a trabalhar com a escuta psicanalítica no contexto hospitalar; esse contexto de trabalho exige um questionamento da técnica, mas, caso queira ser chamado de *psicanálise*, exige também uma fidelidade ao método. A práxis da clínica psicanalítica fora do consultório, apesar de antiga, ainda é ponto de debate, mostrando-se um tema que está longe de estar esgotado. Posto isto, a psicanálise exercida fora de seu local de origem é *uma* das práticas que pode ser entendida como uma Psicanálise Aplicada, conceito que guarda consigo uma grande gama de explicações.

Roudinesco e Plon (1997, p. 605-608) afirmam que a Psicanálise Aplicada

Iria dar margem aos mais diversos exercícios de interpretação, desde a psicobiografia (interpretação das obras em função da vida do autor), até a psicocrítica (interpretação psicanalítica dos textos), passando pela psicohistória (interpretação da história com ajuda da psicanálise).

Com isso, grosso modo, podemos entender a Psicanálise Aplicada como aquela realizada fora do consultório tradicional ou da terapêutica, em que há uma psicopatologia, seja ela realizada na escuta psicanalítica em instituições de saúde ou sociais, seja na análise de obras de arte ou de um fato histórico. Um outro ponto crucial é que ela é uma disciplina multidisciplinar: a aplicação demanda o contato com outras áreas do saber, visto que pretende suas alianças.

Desde o seu nascimento até os dias de hoje (Roudinesco; Plon, 1997, p. 605-608) a Psicanálise Aplicada é alvo de críticas e resistências, seja por meio dos próprios psicanalistas ou de teóricos das áreas com que ela se propõe a conversar. Questionamentos sobre a sua validade, a sua verdade e a sua importância à própria psicanálise circunscrevem tais críticas. Há teóricos, sobretudo aqueles de origem francesa, que alegam que a aplicação desabona a causa psicanalítica. Em vista de tantas contradições que engendram essa modalidade, diversos autores se propuseram a pensá-la e repensá-la, alguns visando a desvendar seu melhor entendimento, enquanto outros o seu atravessamento para um melhor posicionamento quanto ao fora da clínica.

Vistos os amplos significados e modalidades de análises que podem abarcar o termo Psicanálise Aplicada, propomos nesta pesquisa delimitá-la por categorias, iniciadas ainda em Freud e continuadas por autores contemporâneos. Entendemos tais categorias enquanto organizadores de um campo demasiadamente amplo, e que tais desdobramentos marcam um reposicionamento epistemológico da Psicanálise Aplicada, ou seja, são saberes que *partem* da ideia de aplicação, mas que não pretendem ser apenas uma cópia dela: estes novos saberes buscaram, cada um à sua maneira, reiventá-la. Com isto, trazemos as categorias de psicanálise sociopolítica ou cultural e a psicanálise ética-estética. Ademais, explanamos também sobre dois conceitos — o de Psicanálise Extramuros e o de Clínica Extensa —, que

serviram à Psicanálise Aplicada enquanto releitura de uma potencialidade do método psicanalítico ou posicionamento desta em relação ao saber psicanalítico.

Para construir esta pesquisa, iniciamos o primeiro capítulo empreendendo uma retomada da aplicação em Freud. Investigamos a sua função na metapsicologia, assim como as pretensões do austríaco acerca desta modalidade de análise. Para tanto, utilizamos textos paradigmáticos no que tange à sua aplicação, que poderiam nos levar a construir um saber sobre a psicanálise aplicada. Depois, indicamos contrariedades levantadas por autores contemporâneos e análises que circundam a aplicação, tais como a questão da verdade na Psicanálise Aplicada, o analisável e o não analisável, até uma possível posição ética do analista ao se deparar com eventos exteriores à clínica.

No segundo capítulo incluímos a noção de Psicanálise em Extensão, de Lacan, um dos mais importantes pós-freudianos, utilizando essa noção enquanto um balizador do campo da Psicanálise Aplicada. Também trabalhamos com a categoria de psicanálise sociopolítica ou cultural. Partimos de uma análise dos textos de Freud, a saber *Totem e Tabu* (1913/1996bd) e *O Mal-estar na civilização* (1930/1996ai), entendendo que ambos se tratam de modelos fundantes de uma psicanálise que se propõe a pensar a gênese da cultura, assim como a sua organização. Ainda nesse capítulo, trabalhamos com a categoria ética-estética a partir de dois textos paradigmáticos de Freud, *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910/1996x) e *O Moisés de Michelangelo* (1914/1996aj), com a pretensão de apreender os balizadores clínicos e teóricos que estavam na origem de uma psicanálise imbricada às artes.

No terceiro capítulo trazemos à baila dois psicanalistas brasileiros da mesma instituição de ensino, a Universidade de São Paulo (USP) e do mesmo instituto de Psicologia, que trabalharam com o termo *implicação*, um no campo ético-estético e a outra no campo sócio-político. O primeiro, João Augusto Frayze-Pereira, responsável por uma ampla produção no que diz respeito à psicanálise e à estética, que partiu de uma crítica ao termo *aplicação* e a delegação do olhar em relação à hegemonia da escuta por grande parte dos psicanalistas, para cunhar a sua *Psicanálise Implicada*.

E a segunda, Miriam Debieux Rosa, que se atentou a fenômenos sociais, como adolescentes em conflito com a lei, imigrações forçadas e pessoas em situação de violência, para direcionar a escuta psicanalítica a esses sujeitos, que possuem um sofrimento com uma importante dimensão sóciopolítico; a esse método de escuta, nomeou, também, de *Psicanálise Implicada*.

Por fim, no quarto capítulo, abordamos três conceitos que circundam a aplicação: o conceito de Psicanálise Extramuros, de Laplanche, que busca expor em qual experiência psicanalítica estaria alocada a Psicanálise Aplicada, localizando-a junto à clínica, à teoria e à História; o de Interações da Psicanálise, de Mijolla-Mellor, que estaria alocado em uma psicanálise ética-estética, visto que a autora trabalhou em demasia a partir da literatura; e, por último, o de Clínica Extensa, cunhado por Herrmann, e que pretende retomar a potencialidade do método psicanalítico por meio de uma flexibilidade das técnicas e da expansão do próprio método.

O método utilizado na realização desta pesquisa foi o histórico-conceitual. Tendo em vista que o projeto em questão se dispôs a investigar uma problemática dentro da própria teoria psicanalítica, analisando os emaranhados epistemológicos provenientes do conceito de Psicanálise Aplicada, optamos pelo método histórico-conceitual nos moldes descritos por Simanke e Caropreso (2018). Os autores em questão apontam que esse método é demarcado por duas abordagens: uma que se dá pela via da análise conceitual interna das obras, e outra que diz respeito ao contexto histórico na qual elas foram desenvolvidas. Dessa forma, pretende-se ultrapassar as limitações das análises estruturais, sobretudo a da desconsideração da realidade histórica na qual determinada ideia tenha sido concebida, além da análise puramente historiográfica, que os autores afirmam ter pouco a contribuir com as investigações na área psicanalítica.

À vista disso, o método histórico-conceitual tem como premissa uma análise dos conceitos que tome em consideração sua historicidade, ao passo que eles são influenciados por ela. Mas não qualquer História — embora possa se servir de outras —, e sim de uma “História filosófica da psicanálise” (Simanke; Caropreso, 2008, p. 65), uma vez que “seria capaz, então, de realizar o trabalho crítico e

analítico que a historiografia disponível sobre o desenvolvimento das teorias psicanalíticas ainda permanece, na maior parte das vezes, devendo” (p. 65).

Entendemos que a relevância de tal pesquisa se justifica na avaliação de que a psicanálise se presentificou nos mais distintos discursos sociais e adentrou os mais variados locais, ultrapassando uma clínica de consultório e se consolidando enquanto um saber que serve de instrumento de análise para outros campos, mas também se servindo de outros saberes para alimentar o seu próprio. A práxis psicanalítica fora de seu local de origem é uma realidade e, portanto, é necessária uma melhor compreensão acerca desse fazer. Mapear e categorizar os desdobramentos que surgiram a partir da aplicação pode nos levar a um melhor entendimento sobre essa modalidade de análise, assim como de seus frutos, e servir de norteador para estudos futuros. Não pretendemos, até mesmo pela própria impossibilidade do feito, esgotar o assunto, mas apresentar elementos concisos que auxiliem no desenvolvimento e entendimento de uma práxis psicanalítica fora do consultório.

1 O INÍCIO DA PSICANÁLISE

1.1 Psicanálise pura e Psicanálise Aplicada

Koyré, filósofo e historiador das ciências, defensor da descontinuidade epistemológica entre as ciências medievais e modernas, em seu livro *Galileu e Platão* (1943/1986), ressalta a diferença entre o homem medieval e o moderno, argumentando que o primeiro colocava os seus esforços em contemplar a natureza, enquanto o segundo se esforçava em controlá-la. Na mesma lógica, expõe que a filosofia moderna prioriza a ação, dando tônica à prática. Do outro lado, “cujo papel na história das ciências não é da mesma ordem” (1986, p. 12), cita Galileu e Descartes, pesquisadores cujas obras se mantiveram, em sua maioria, no campo da teoria. Padovan e Darriba (2016) afirmam que essa diferenciação feita por Koyré no século XX já era feita por grandes nomes de estudiosos da ciência, como August Comte, no século XIX, Francis Bacon, nos séculos XVI e XVII, e D’Alembert no século XVIII. Embora Koyré desse ênfase à Física, essa distinção se encontra presente no campo das ciências naturais como um todo, parecendo “orientar todo o ideal moderno de ciência, de acordo com o qual antes é preciso conhecer a natureza, para poder então prevê-la, agir sobre ela” (Padovan; Darriba, 2016, p. 104). A psicanálise, oriunda da prática médica e tendo sido enquadrada nessa área por Freud e seus contemporâneos, não estaria a salvo dessa lógica dualista (Padovan; Darriba, 2016, p. 104).

Em 1900, com a publicação do livro *A Interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/1996g) é inaugurada a psicanálise enquanto método de investigação do inconsciente. Anos depois, Freud (1923/1996bh, p. 226) relata

A partir da data de *A interpretação dos sonhos*, a psicanálise teve uma dupla significação. Constitui não apenas um novo método de tratar as neuroses, mas também uma nova psicologia; reivindicou a atenção não só dos especialistas em nervos como também a de todos que eram estudiosos de uma ciência mental.

Essa colocação demarca uma não diferenciação entre a gênese da psicanálise enquanto uma terapêutica e a psicanálise aplicada, embora cite duas

ramificações de sua criação — um método, mas também uma teoria psicológica —, o que nos faz pensar: seria a Psicanálise Aplicada uma extensão do método psicanalítico ou uma teoria psicológica a ser aplicada?

Textos à primeira vista considerados sociológicos ou antropológicos, como *O Mal-estar na civilização* (1930/1996ai) e *Totem e tabu* (1913/1996bd), respectivamente, guardam dimensões clínicas importantes e indispensáveis à práxis psicanalítica. Apesar de o primeiro versar sobre o mal-estar coletivo causado pelo advento da cultura, que ocasiona uma repressão dos impulsos sexuais em detrimento do bem coletivo, o texto também nos fornece elementos sobre a origem da culpa no sujeito e suas dinâmicas, questões cruciais à clínica “individual”. *Totem e tabu* (1913/1996bd), texto no qual Freud almeja contato com a antropologia social, a filologia e o folclore, disserta sobre a gênese do totem e suas funções dentro de determinadas sociedades, assim como as dos tabus, que muito nos ensinam sobre a clínica do neurótico obsessivo em suas dinâmicas psíquicas, como as inibições e as necessidades de cerimoniais. Tal texto também marca a passagem propriamente dita da psicologia individual para o campo das relações sociais; ao ilustrar que o crime cometido pelos irmãos só pode ser efetuado quando há uma coligação entre eles, ou seja, quando eles se juntam para matar o pai: “Eis aí o germe dos estudos mais amplos de Freud, como *Psicologia coletiva e análise do Ego* e *O Mal-estar na cultura*.” (Mezan, 1985, p. 137).

Se nas ciências naturais há a classifica-se um saber como teórico ou prático, na psicanálise podemos pensar essa divisão de modo não evidente ou pouco delimitada. Embora haja suposta divisão entre *pura* e *aplicada*, tal classificação é cercada de controvérsias e limitações, uma vez que a linha que as separa é demasiadamente tênue.

Jacques-Allain Miller (2017), a fim de demarcar a posição da psicanálise frente às psicoterapias, coloca em questão as noções de *psicanálise pura* e *psicanálise aplicada*, afirmando que

Não se trata tanto da confusão entre a psicanálise pura e a psicanálise aplicada à terapêutica. Essa confusão tem um alcance limitado, uma vez

que nesses dois casos, se admitimos que eles se distinguem, trata-se de psicanálise. (p. 3)

Ou seja, levada às últimas consequências, tal divisão se mostraria falaciosa, pois ambas tratam de psicanálise, seja ela pura ou aplicada.

Nessa mesma lógica, Abreu, nos artigos “O analista na cidade: impasses e enlaces entre psicanálise pura e psicanálise aplicada” (2009) e “A psicanálise nas instituições de saúde” (2008), coloca que há uma relação de imbricação entre ambas:

O termo ato analítico tem a força de ser aquele que concerne ao fazer do psicanalista, ao seu saber fazer, indo além da nomeação da função, além do estabelecimento da sessão, seja aos moldes da psicanálise pura ou aplicada, no consultório ou na instituição, só ou entre vários. Entendemos, com Lacan, que o ato analítico é uma ação que dispensa a prescrição, deslocando a questão dos standards, do setting ou dos dispositivos de atenção (Abreu, 2009, p. 24-25).

Ou seja, o autor admite, tendo a teoria lacaniana como orientadora, que o resultado de uma análise, ou se há ou não uma análise, não é mensurado pelo seu local de utilização, mas pelo ato analítico, que funda a função do analista. Dessa forma, bastaria um sujeito disposto a ouvir, estando servido da função de analista, escutar um outro disposto a falar.

Em seu outro artigo citado (Abreu, 2008), o autor defende que na obra de Freud há uma defesa dos benefícios que a psicanálise poderia proporcionar a sujeitos em condição extrema de desamparo, referindo-se aos institucionalizados. É verdade que Freud defendia a inclusão da prática psicanalítica em instituições, embora tenha chegado a afirmar que, para isso, ela precisaria “fundir o ouro puro da análise livre com o cobre da sugestão” (Freud, 1918/1996y, p. 181), como se a maleabilidade da técnica que esses locais pedem tornasse a psicanálise não apenas aplicada, mas também “impura”, elevando a psicanálise de consultório a um nível acima, pois esta sim manteria a sua pureza.

Mezan (1985, p. 136-143), ao investigar a relação entre psicanálise e cultura, aponta para o fato de que a oposição entre *pura* e *aplicada* se basearia na ideia falaciosa de que a psicanálise é uma ciência similar às outras, em que há um aporte

teórico coerente e autêntico por si mesmo, como se ela estivesse apenas a espera de ser aplicada em outras áreas do saber. E prossegue:

Mas não seria correto prosseguir a analogia e dizer que aqui se teria a explicação “metapsicanalítica” do conceito: pois a psicanálise, longe de ser uma teoria passível de “aplicações” terapêuticas ou a “outros campos do saber”, é este processo mesmo, pelo qual o encontro entre um paciente e um analista, nas condições precisas de situação analítica, permite a um como a outro a elucidação do sentido de seus processos psíquicos, elucidação relançada a cada associação e cada interpretação, num movimento banhado de parte a parte pelas determinações culturais dos parceiros. Esta concepção sustenta meu ponto de vista quanto à impossibilidade de se diferenciarem uma psicanálise pura de uma psicanálise aplicada; como é ela que sustenta decisão de fazer o longo e trabalhoso percurso pelos textos; como, de maneira silenciosa, mas surdamente eficaz, sustenta a realização simultânea de uma tese e de uma análise, uma sendo parte integrante de outra e de certa forma constituindo a elaboração teórica de seus mecanismos e de seus resultados. (Mezan, 1985, p. 142-143)

O autor coloca, desse modo, que a teoria psicanalítica não é estática e não pode ser calculada antes de sua utilização em um trabalho de análise, pois esse trabalho se dá entre pares, submetido ao fenômeno da transferência, e a teoria que surge (enquanto interpretação) é de ordem heurística.

Embora haja, comumente, uma divisão entre a psicanálise nomeada *aplicada* e outra chamada *pura*, para se referir à primeira enquanto uma utilização do método/teoria fora do divã, essa divisão, em seu cerne, se mostra improvável, na medida em que o método psicanalítico trabalha sempre na mesma dimensão, independentemente do lugar onde é aplicado. Freud já estava advertido dessa dimensão quando colocou a terapêutica como *uma* de suas aplicações, e não a única. Nesse sentido, a psicanálise seria sempre pura e sempre aplicada.

1.2 Freud e a aplicação

Apesar de nascer em território médico, tendo como proposta o tratamento para as ditas doenças dos nervos, a psicanálise buscou, desde o início, alargar suas fronteiras para além do seu campo de origem. Não raramente Freud se dedicou à análise de eventos culturais, sociais ou artísticos, tendo tido como norte para a sua criação três instâncias: o discurso dos pacientes, sua autoanálise e os fenômenos

culturais (Mezan, 1985, p. 138), cada qual contribuindo para determinados avanços na teoria. A essas pesquisas a outras áreas do saber, deu-se o nome de *Psicanálise Aplicada* (Rosa, 2004, p. 331), tendo sua origem já nos primeiros escritos freudianos, como afirma o próprio Freud no texto *A história do movimento psicanalítico*:

A maior parte dessas aplicações da análise remonta, sem dúvida, a uma sugestão feita em minhas primeiras obras analíticas. O exame analítico de pessoas neuróticas e os sintomas neuróticos de pessoas normais me levaram a supor a existência de condições psicológicas que haveriam de ultrapassar a área do conhecimento na qual tinham sido descobertos. Sendo assim, a análise nos proporcionou não somente a explicação de manifestações patológicas, como revelou suas conexões com a vida mental normal e desvendou relações insuspeitadas entre a psiquiatria e as demais ciências que lidam com as atividades da mente. (Freud, 1914/1996f, p. 44-45)

Anos mais tarde, ratificou:

A psicanálise começou como um método de tratamento, mas não quis recomendá-la ao interesse dos senhores como método de tratamento e sim por causa das verdades que ela contém, por causa das informações que nos dá respeito daquilo que mais interessa aos seres humanos – sua própria natureza – e por causa das conexões que ela desvenda entre as mais diversas atividades. (Freud, 1933/1996ad, p. 154)

Mezan (1985, p. 135-260) alega que, apesar de ter sido em *A interpretação dos sonhos* que Freud analisou um fenômeno cultural pela primeira vez, na passagem sobre *Édipo Rei* de Sófocles e na análise de *Hamlet*, não se pode descredibilizar toda a sua produção prévia, na qual Freud, leitor ávido e interessado pelas manifestações diversas, se utilizou como recurso a cultura para formular suas teorias clínicas. Mezan cita o caso de Frau Emmy Von N., em que a referência cultural se iniciaria síncrona à interpretação, na medida em que Freud tomaria um caso particular para universalizar o pensamento clínico:

As “graves blasfêmias” são a contrapartida, em regime de ataque histérico, dos tiques de Frau Emmy Von N.: e a evocação do caráter grosseiro do seu

conteúdo se associa à dimensão pessoal para universalizar o raciocínio e extrair, da paciente, um mecanismo psíquico geral. (Mezan, 1985, p. 147)¹

Ademais, Freud fora um homem fortemente instigado pela literatura e pela cultura. Ainda criança, aos nove anos de idade, ingressou no ginásio em uma escola que lecionava grego e latim, e que dava grande ênfase à literatura e à História antiga. Mantinha com os livros uma relação de intensa amizade, tanto que em diversos textos cita passagens de outros autores como se eles o ajudassem no raciocínio que ali estava sendo desenvolvido (Martin, 2016, p. 43). Obras da literatura clássica, tais como *Édipo Rei*, de Sófocles, o ajudaram a desenvolver o conceito de Complexo de Édipo, pedra angular da teoria freudiana. O progresso da cultura, analisado em *O Mal-estar na civilização* (1930/1996ai) fez com que o psicanalista avançasse sobre a imposição da repressão e o advento da culpa no indivíduo. Outros temas ditos sociais, que fariam, em primeira instância, oposição à clínica *stricto sensu*, como as religiões, fenômenos artísticos e até mesmo a análise da vida de artistas, serviram como aporte de avanço para a teoria psicanalítica, não apenas para reflexões do social e cultural, mas também para pensar a dinâmica psíquica do sujeito. Apesar de dar importância para as formulações teóricas, havia também uma ambição de Freud em relação à sua criação, desejando que ela fosse expandida para outros ramos do conhecimento (Passarelli, 2012, p. 92), além de ter como objetivo essencial "libertar-se da tutela médica, escapar ao simples registro do procedimento terapêutico, para não ficar reduzido a servir à psiquiatria" (Roudinesco; Plon, 1997, p. 607). Cabe também destacar que, em seus escritos, Freud nunca tratou da Psicanálise Aplicada enquanto um conceito a ser esclarecido ou desenvolvido, mas abordou várias vezes as "aplicações da psicanálise" a outros campos do conhecimento (Kobori, 2013).

A partir desse imbricamento entre psicanálise e cultura presente em determinadas obras de Freud, há textos dedicados à aplicação da psicanálise a outros âmbitos que resultaram na obtenção de conhecimentos ao campos

¹ É importante pontuar que, nesse momento, ainda não se trata de um escrito de psicanálise *stricto sensu*, mas sim de um escrito psicológico (Mezan, 1985).

psicanalítico, como é o caso do texto *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910/1996x), e textos nos quais o autor expõe a sua vontade de expansão, como *Dois verbetes de enciclopédia* (1923/1996bm), em que escreve o tópico “As aplicações e as correlações não-médicas da psicanálise” (p. 263-264), em que alega ser a psicanálise a mais efetiva das ciências médicas para a compreensão das ciências mentais, mas que também desempenharia a mesma função de importância nos estudos da História da religião e cultura, da Literatura e das ciências da mitologia, colocando, com isto, que a psicanálise poderia desvendar os movimentos psicológicos que estariam implícitos nessas ciências.

Há, ainda, o texto *O interesse científico da psicanálise* (Freud, 1913/1996ah), escrito a pedido do redator-chefe do periódico italiano *Scientia*. Nele, Freud faz uma ampla descrição dos lugares não médicos em que a psicanálise poderia ser aplicada e o quanto essas áreas teriam a ganhar se utilizassem a psicanálise como um instrumento para ampliar a visão. Entretanto, inicia o texto divagando sobre os interesses psicológicos da psicanálise, e defendendo que esse interesse ultrapassou o campo da patologia quando a psicanálise descobriu a existência do inconsciente em pessoas saudáveis, por meio dos sonhos e das parapraxias. Freud expôs esta constatação longamente no texto *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901/1996az), texto que demarca uma posição da psicanálise em relação a onde ela pode servir, ou seja, onde há inconsciente, que não é apenas em psicopatologias. Os sonhos e os atos falhos seriam os principais indícios desta contestação: um indivíduo hígido não apenas sonha, como também comete um ato falho. Considerando que esse texto data de 1901, e que a psicanálise havia nascido há apenas um ano, não é difícil acusar que ele guarda uma importância quanto à aplicação, posto que a sua criação ainda estava no início, e Freud produz um texto reconhecendo a existência da possibilidade do método psicanalítico fora de seu local de nascimento, ou seja, no tratamento das ditas doenças nervosas.

Retornando ao texto *O interesse científico da psicanálise* (Freud, 1913/1996ah), nos tópicos seguintes Freud se dedicará aos interesses da psicanálise nas ciências não psicológicas, que serão elencados nesta pesquisa:

(A) O interesse filológico da psicanálise: O interesse por parte dos filólogos ou “dos peritos da fala” (p. 185), o psicanalista utiliza esta expressão para justificar o que se seguirá, posto que “‘fala’ deve ser entendida não apenas como significando a expressão do pensamento por palavras, mas incluindo a linguagem dos gestos e todos os outros métodos, por exemplo a escrita, através dos quais a atividade mental pode ser expressa” (p. 185). Em outros termos, o analista é aquele que decifra a fala do paciente, seja esta produzida por meio de uma frase, de um gesto ou de um sonho.

(B) O interesse filosófico da psicanálise: Freud alega que esta poderia se beneficiar da descoberta que a psicanálise fizera sobre o sistema inconsciente, visto que a noção de inconsciente era debatida na filosofia, mas sem que os filósofos tivessem acesso às atividades mentais desse sistema. A psicanálise conseguiria desvendar as motivações subjetivas que estariam por trás das teorias filosóficas.

(C) O interesse biológico da psicanálise: ciência cuja importância perpassa a teoria freudiana. Freud aponta para uma cautela que se há de ter em relação a esse campo, de que as considerações biológicas não sejam utilizadas durante uma análise, mas que o ponto de encontro entre psicanálise e biologia é indiscutível, uma vez que conceitos caros à psicanálise, como pulsão, guardam dimensões que também vão ao encontro dessa área. Lembremo-nos que Freud elenca a pulsão como uma força que se situa entre o mental e o somático. Dessa forma, o médico austríaco coloca que muitas vezes a psicanálise se situa *entre* a psicologia e a biologia.

(D) O interesse de um ponto de vista do desenvolvimento: aqui, o austríaco aponta que as descobertas psicanalíticas ultrapassaram as ideias psicológicas que se tinha até então de que esquecimentos na infância indicavam um conteúdo irrelevante, quando se sabe, a partir da psicanálise, que é justamente o não lembrar na vida adulta que confere a este conteúdo uma importância significativa. Além disso, destaca que “a criança é pai do homem” (p. 191), ou seja, em outras palavras, as experiências externas e internas vivenciadas na infância são de extrema importância na construção subjetiva do indivíduo.

(E) O interesse da psicanálise do ponto de vista da História da civilização: neste tópico, Freud alega que a infância dos homens e a história primitiva da sociedade guardam semelhanças, e que é nessas semelhanças que a psicanálise poderia servir de instrumento de pesquisa, pois “A psicanálise estabeleceu uma estreita conexão entre essas realizações psíquicas de indivíduos, por um lado, e de sociedades, por outro, postulando uma mesma e única fonte dinâmica para ambas” (p.193-194).

(F) O interesse da psicanálise do ponto de vista da ciência da estética: Freud admite que a psicanálise pode se ocupar de alguns problemas referentes à estética, embora outros escapem do domínio de sua criação. Relata sobre uma produção artística cujo valor iria ao encontro de apaziguar desejos não reconhecidos, tanto de quem o faz, quanto de seus espectadores, e que, a partir disso, ela seria um *meio-caminho* entre um mundo que frustra os desejos e o mundo de desejos realizados da imaginação. Ademais, confessa que uma análise da infância do artista e de sua vida seria um dos temas mais atraentes para a psicanálise.

(G) O Interesse sociológico da psicanálise: “O que hoje é um ato de coibição interna foi outrora externo, imposto, talvez pelas necessidades do momento” (p. 196). Esta frase, colocada no final do tópico, condensa o interesse da sociologia pela psicanálise; ao longo da descrição, Freud explana sobre as consequências sociais na subjetivação do sujeito, colocando que a psicanálise demonstrou que as exigências e condições sociais seriam as grandes causadoras de neurose.

(H) O interesse educacional da Psicanálise: a psicanálise, ao ter desvendado os mistérios que rondavam a infância, como a sexualidade infantil, até então negligenciada ou não aceita pelos médicos, poderia servir aos educadores, pois, como afirmou Freud (p. 197), “Somente alguém que possa sondar a mente das crianças será capaz de educá-las”. Desse modo, os professores, ao se familiarizarem com a teoria psicanalítica sobre o infantil, não mais lidariam com as vicissitudes das pulsões infantis de modo a tentar reprimi-las ou suprimi-las,

sobretudo aquelas da ordem do perverso ou do “socialmente imprestável”, mas trabalhariam pela via de seu desvio, facilitando a sublimação. Freud (p. 198) encerra o tópico alegando que “Tudo o que podemos esperar a título de profilaxia das neuroses no indivíduo se encontra nas mãos de uma educação psicanaliticamente esclarecida”.

Freud finaliza o texto confessando que o seu objetivo ao escrevê-lo seria demonstrar as diversas esferas do conhecimento em que a psicanálise poderia ser útil, além, é claro, os vínculos que esta já criara.

Também podemos citar *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica* (Freud, 1910/1996p), texto fruto de uma conferência proferida por Freud para a abertura do Segundo Congresso de Psicanálise, em que o autor indica a necessidade de um avanço na metapsicologia e na clínica para uma melhor aceitação da sociedade em relação à sua criação.

Freud (1933/1996ad, p. 143), após divagar sobre os opositores e desertores da psicanálise, relata:

Uma das primeiras aplicações da psicanálise constituiu em nos ensinar a compreender a oposição que os nossos contemporâneos nos movem pelo fato de exercermos a psicanálise. Outras aplicações, de natureza mais objetiva, podem reivindicar um interesse mais geral. Nosso primeiro propósito, naturalmente, foi o de compreender os distúrbios da mente humana, porque uma notável experiência mostrara que, aqui, a compreensão e a cura quase coincidem, que existe reciprocidade entre uma e outra. E por muito tempo este foi o nosso único propósito. Depois, no entanto, percebemos as estreitas relações, a própria identidade interna entre processos patológicos e aquilo que se conhece como processos normais. A psicanálise tornou-se psicologia profunda; e, de vez que nada daquilo que o homem cria ou faz, é compreensível sem a cooperação da psicologia, as aplicações da psicanálise a numerosas áreas do conhecimento, em especial àquelas das ciências mentais, ocorreram espontaneamente, entraram em cena e requereram debates.

Doravante, Freud (1933/1996ad, p. 135-154) coloca em jogo a problemática de que tais aplicações seriam difíceis de serem realizadas, na medida em que os analistas não possuem conhecimentos nas áreas em que aplicarão a psicanálise, assim como os detentores de outros campos do saber que utilizam a psicanálise em seu auxílio carecem de saberes do campo psicanalítico. Nesse sentido, em

Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise, Freud (1912/1996av) declara que analistas não-médicos seriam os mais indicados a exercerem a psicanálise aplicada (Mezan, 1985, p. 136), pois estariam excluídos do saber médico e fariam parte, de preferência, do campo das humanidades.

Além do mais, Freud (1996av), p. 15-73) considerou que a psicanálise poderia sofrer críticas e resistências ao adentrar os campos de saberes já consolidados da época, principalmente dos mestres de tais áreas. Acreditava que tais aplicações só teriam a crescer quando essas resistências fossem superadas. Além disso, via as aplicações da psicanálise como confirmação da validade da mesma: “as aplicações da psicanálise são, também, sempre confirmações dela” (Freud, 1933/1996ad, p. 144). Apesar de tais resistências e críticas, Freud manteve as ambições em relação a sua criação, acreditando que o futuro da psicanálise levantaria resistências, mas sabendo que haveria estudiosos para fazer avançá-la.

Apesar de toda a ambição, Freud também guardava cautela quanto à psicanálise, em especial ao seu mau uso. Em 1910, publicou o artigo *Psicanálise Silvestre/Selvagem* (1910/1996au), com a intenção de resguardar sobre os critérios éticos e técnicos deste método, e alertando sobre o quanto uma interpretação selvagem seria danosa para a causa psicanalítica. Por “selvagem”, entende-se que seria uma interpretação dogmática, em que o analista, abastecido pela teoria psicanalítica, buscaria “encaixar” os sintomas apresentados pelo paciente em determinado conceito, ou seja: o sujeito seria apagado pela teoria. Também em 1910, impelido pela mesma causa de proteção à sua criação, fundou a IPA (*International Psychoanalysis Association*), que teve como o primeiro presidente o futuro dissidente da psicanálise, Carl Gustav Jung, escolhido por Freud não de forma arbitrária, mas porque este julgava que a psicanálise devia ser expandida para além da comunidade judaica (Francischelli, 2010). Como objetivo da criação da IPA, foi declarado:

[...] promover e apoiar a ciência da psicanálise fundada por Freud, tanto como psicologia pura como em sua aplicação à medicina e às ciências mentais e cultivar o apoio mútuo entre os seus membros para que fossem desenvolvidos todos os esforços no sentido da aquisição e difusão de conhecimentos psicanalíticos. (Freud, 1914/1996f, p. 53)

Embora uma das pretensões de Freud fosse a proteção da psicanálise — não só daqueles que se apropriavam de forma indevida do seu saber para usá-lo de modo incorreto, mas também dos ataques vindos de diversas partes —, o médico austríaco também pretendia com a institucionalização que houvesse uma expansão de sua criação de forma segura.

A IPA marca uma institucionalização da psicanálise, embora já houvesse grupos restritos com a finalidade de fazer o seu saber circular, como o grupo que frequentava as reuniões psicológicas de quartas-feiras². Tal institucionalização não se deu sem efeitos no saber e na transmissão psicanalítica.

1.3 Os textos aplicados de Freud

Sobre os textos aplicados de Freud, temos como exemplos aqueles citados nos apêndices de *Totem e Tabu* (1913/1996bd) e de *O prêmio Goethe* (1930/1996ak). Enquanto os primeiros apresentam uma lista daqueles que tratam sobre Antropologia Social, Mitologia e História das religiões, os segundos fazem uma lista dos textos de Freud que “tratam principalmente ou em grande parte de arte, literatura ou teoria da estética” (1930/1996ak, p. 219). Porém estariam excluídos dessas listas os textos que dialogam com a educação, campo que tinha a predileção de Freud. Além disso, os textos ditos sociológicos e antropológicos estariam condensados na categoria *Antropologia Social*. Portanto, apresentaremos, a seguir, os textos freudianos que almejam contato com outras áreas, tendo como base aqueles mencionados nos apêndices dos textos supracitados, porém com novas inclusões. Também é importante citar que, com a finalidade de padronizar os títulos, recorreremos a tradução utilizada pela editora Imago das “Obras psicológicas Completas de Freud”, com edição datada de 1996, com exceção da carta *Die*

² Inicialmente denominadas “Noites psicológicas de quarta-feira”, as reuniões tiveram início em 1902, tendo como sede a própria casa de Freud até o ano de 1910, quando migram para o Colégio de Doutores. Assim como Freud, os participantes não estavam contentes com a psicologia desenvolvida até então, e buscavam nessas reuniões um avanço no entendimento do ser humano, renunciado pelos ideais proferidas por Freud. O pai da psicanálise, duramente criticado por seus colegas médicos, também procurava nesses encontros alento em seus companheiros analistas, os tendo como “público”, e também como “juizes”. Freud era o condutor de tais reuniões e o fazia com maestria (Nunberg, 1959/2015, p. 16-38).

Richterlin - A juíza, carta de 20 de junho de 1898, que consta no livro *A correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1888 – 1904* (1986).

1) Religião:

Atos obsessivos e práticas religiosas (1907);

Grande é 'Diana dos Efésios' (1911);

Prefácio a Ritual: Estudos Psicanalíticos de Reik (1919);

Uma neurose demoníaca do século XVII (1923);

O Futuro de Uma Ilusão (1927);

Uma experiência religiosa (1928);

Novas conferências introdutórias sobre psicanálise – Lição XXXV: A questão de uma Weltanschauung (1933);

Anti-Semitismo na Inglaterra (1938);

Um comentário sobre o anti-semitismo (1938);

Moisés e o Monoteísmo (1939).

2) Antropologia social:

Moral sexual 'civilizada' e a doença nervosa moderna (1908);

A significação antitética das palavras primitivas (1910);

Carta ao Dr. Friedrich S. Krauss sobre a ANTHROPOPHYTEIA (1910);

A significação de uma sequência de vogais (1911);

O interesse científico da psicanálise (H) – O interesse da psicanálise do ponto de vista da História da civilização/ Sociológico (1913);

Totem e Tabu (1913);

Prefácio a Scatologic Rites of All Nations, de Bourke (1913);

Reflexões para o tempo de Guerra e Morte (1915);

Psicologia de Grupo e Análise do Ego (1921);

O Mal-Estar na Civilização (1930);

O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor III) (1918);

Por que a Guerra? (1933).

3) Mitologia:

Postscript ao caso Schreber (1912);

Um paralelo Mitológico com uma obsessão Visual (1916);

A Cabeça da Medusa (1940);

Os sonhos no folclore (Freud e Oppenheim) (1911);

A Aquisição e o Controle do Fogo (1932).

4) Educação:

Introdução a *The Psycho-analytic method*, de Pfister (1913);

O interesse científico da psicanálise (H) – O interesse educacional da psicanálise (1913);

Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar (1914);

Prefácio a *Juventude desorientada*, de Aichhorn (1925).

5) Estética e literatura:

Carta 71 (15 de outubro de 1897) (1897);

Die Richterin - A juíza, na carta 91 a Fliess, de 20 de junho de 1898 (1898);

A interpretação dos sonhos, Capítulo V, seção D, sobre Édipo Rei e Hamlet (1900);

Os chistes e a sua relação com o inconsciente (1905);

Personagens psicopáticos no palco (1942);

Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen (1907);

Resposta a um questionário sobre leitura (1906);

Escritores criativos e devaneio (1908);

Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância (1910);

A ocorrência, em sonhos, de material oriundos de contos de fadas (1913);

O interesse científico da psicanálise (H) – O interesse da psicanálise do ponto de vista da ciência estética (1913);

O tema dos três escrínios (1913);

O Moisés de Michelangelo (1914);

Sobre a transitoriedade (1916);

*Uma recordação de infância de *dichtung und wahrheit** (1917);

O estranho (1919);

O humor (1927);

Dostoievski e o parricídio (1928);

Apêndice: Uma carta de Freud a Theodor Reik (1929);

O prêmio Goethe (1930);

Prefácio a “A vida e as obras de Edgar Allan Poe: Uma interpretação Psicanalítica”, de Marie Bonaparte (1933).

É importante pontuar que essas categorias expostas não dão conta de abarcar todas as disciplinas que Freud almejou contato. Um exemplo disso é o texto *A psicanálise e a determinação dos fatos nos processos jurídicos* (1906/1996i), que é fruto de uma conferência proferida por Freud a pedido do professor catedrático Löffler. Tal texto expõe uma aproximação entre o saber psicanalítico e o saber jurídico. Cabe ainda mencionar que Freud foi um teórico visionário, que, se enxergava a oportunidade de desenvolver ou exemplificar as suas ideias, o fazia sem receio; não à toa dedicou um pequeno texto, *Uma nota sobre o ‘bloco mágico’* (1925/1996bk), a comparar esse aparelho, o bloco mágico, que poderia ser descrito

como “uma prancha de escrever, da qual as notas podem ser apagadas mediante um fácil movimento de mão” (p. 258), com o aparelho perceptual da mente.

1.4 Considerações acerca da Psicanálise Aplicada

Freud (1914/1996f), já desprendido de uma epistemologia médica vigente em seu tempo, sabia que, no futuro, haveria estudiosos que chegariam ao mesmo desenlace que o seu e o reconheceriam como um de seus precursores. Por certo, autores se debruçaram a estudar o que tange a Psicanálise Aplicada, seus desdobramentos e sua exequibilidade, trazendo à tona seus alcances e também os seus limites, concordando que o termo “aplicada” remeteria à psicanálise como um saber já pronto, acabado, só à espera de ser aplicado a outros ramos do conhecimento (Kobori, 2013).

Conquanto a aplicação tenha produzido subsídios para o avanço da própria psicanálise, tal área segue recheada de contrariedades desde seu nascimento. Diversos autores (Dionísio, 2012; Frayze-Pereira, 2006) apontam para a falta de fidedignidade da aplicação, uma vez que ela resultaria em previsões puramente textuais, obedecendo àquele que aplica e desse modo não se preocupando com sua dimensão heurística, tão cara à psicanálise.

As análises aplicadas produziriam previsões textuais em lugar de previsões clínicas, uma vez que a interpretação lida com o todo da obra e não com a concretude da sessão. Nesse contexto, a verdade (teórica) estará limitada ao estado hipotético, sendo ou não confirmada pela clínica, portanto. (Dionísio, 2012, p. 70-71)

Ademais, ela poderia servir como uma espécie de racionalização, em que o analista, ao invés de criar, parte de uma hipótese dedutiva em torno de seu objeto de estudo (Dionísio, 2012, p. 71). Nesse sentido, a aplicação poderia ser entendida como pura utilização de suas teorias já consolidadas em outra área do conhecimento, o que resultaria em uma superposição de saberes e, levada às últimas consequências, se equivaleria ao que Freud (1910/1996au) nomeou de *psicanálise selvagem*, tendo em vista que tal interpretação se daria apenas por um saber prévio daquele que interpreta, sem levar em consideração outros fenômenos psíquicos, tais como a *transferência* (Batista; Cunha, 2012, p. 262-264). Portanto, nesse sentido, a psicanálise aplicada poderia facilmente “cair nas malhas da violência interpretativa” (Dionísio, 2014, p. 114).

Em *Pede-se abrir os olhos* (Dionísio, 2012), o autor aponta que apesar de a psicanálise extra clínica já ter obtido uma consistência em suas discussões, ainda há o que se averiguar. O autor declara que a Psicanálise Extramuros, de Laplanche, embora tenha tido êxito em investigar o que tange a cavidade entre a cultura e a experiência analítica, deixa lacunas no que diz respeito às interpretações psicanalíticas.

Com isto pretendo afirmar que, salvo a aproximação de fronteiras, a interpretação extramuros não garante, como consequência direta, o que não quer dizer que não a tenha, a demanda de implicação subjetiva inerente à legibilidade das obras de arte. (p. 160)

Embora Dionísio (2012) se atenha aos estudos das artes, tal colocação nos abre brecha para pensar nas singularidades das releituras freudianas acerca da psicanálise aplicada.

Hanly (1992, p. 46), filósofo canadense, atentou-se à questão de onde e como residiria a verdade da Psicanálise Aplicada, ao considerar que:

[...] o conceito de verdade é o fundamental sobre o qual deve repousar o método em psicanálise aplicada ou clínica. É a assunção que jaz por trás de todas as outras assunções sobre a teoria e a observação psicanalítica. Uma pesquisa sobre a verdade já é em si, em parte, um estudo de psicanálise aplicada.

O autor (1992, p. 17-34) apresenta duas ideias filosóficas sobre a *verdade*, que seriam a de correspondência e a de coerência. A primeira, sendo a do ponto de vista e a das ciências naturais, admite que existe apenas uma verdade, que se daria na correspondência de um objeto com a sua descrição. A segunda, passível de admitir mais de uma verdade, pertencente ao idealismo, trata os objetos como amorfos, sem significação própria, na medida em que eles ganhariam o significado de acordo com a crença e a teoria daquele que o interpreta.

Hanly disserta, em tópico homônimo, sobre “A coerência como verdade em psicanálise” (Hanly, 1992, p. 20-26), citando que Freud ao escrever *Totem e Tabu* (1913/1996bd), reuniu diversos fatos desconexos entre si para formar um todo coerente. Assim sendo, o psicanalista estaria lançando mão da verdade enquanto

coerência. Além disso, Hanly percorre questões clínicas, como as lembranças de infância, entre as quais algumas permanecem fragmentárias na vida adulta, eventos cruciais da tenra idade que só podem ser reconstruídas por meio de indicações de derivativos, mesmo que indiretas. Ou ainda de interpretações de sonhos, que rotineiramente guardam partes que não podem ser associadas. Em outras palavras, podemos dizer que essas dimensões citadas nem sempre guardam um fato realista: não há como se ter certeza se correspondem ou não a uma realidade concreta, alguns fatos são *construídos* por meio da interpretação. Tendo isso em vista, o autor afirma que:

O presente estado da teoria psicanalítica traz plausibilidade à ideia da coerência. Não há teoria unificada. Existem apenas teorias divergentes, com frequência mutuamente inconsistentes, apoiadas por observações clínicas. Não é este estado de coisas bastante compatível com a teoria da coerência? (Hanly, 1992, p. 27)

No entanto, segundo o próprio filósofo, Freud também teria lançado mão da correspondência. O autor afirma que o modo como Freud concebeu a interpretação dos sonhos é fazendo com que ela correspondesse aos desejos inconscientes operativos dos elementos oníricos. Além disso, por mais que o psicanalista tenha empregado o critério de coerência como algo necessário, tal critério não se mostrou suficiente. Por mais que Freud tivesse escrito *Totem e Tabu* (1913/1996bd) a partir do critério de coerência, o texto só pôde fazer sentido porque havia uma verdade correspondente nele: “A adesão implícita de Freud à teoria correspondência é evidente em sua assunção de que a investigação ulterior dos fatos antropológicos decisivos poderia ser conduzida de tal maneira a torná-la independente da sua ou de qualquer outra teoria” (Hanly, 1992, p. 32). Nesse sentido, o médico austríaco teria constatado que a verdade de uma afirmação depende se ela descreve ou não o que realmente existe; há uma correspondência entre a interpretação e a realidade do objeto.

Tendo essas duas verdades, a da coerência e a da correspondência, presentes nas teorias freudianas, Hanly (1992, p. 34) conclui que Freud teria utilizado a coerência como um critério lógico, formal, enquanto usou a verdade correspondente como um critério material, epistemológico.

Além disso, para provar os seus ganhos teóricos e em busca de uma afirmação científica, Freud tentava achar correspondências entre a teoria psicanalítica e acontecimentos da infância do sujeito, como se se tratasse de uma *correspondência*, uma causa e efeito. Aqui, nos abre brecha para pensar na ligação que Freud buscava entre as produções de Da Vinci e os acontecimentos de sua infância. Tratando desse mesmo texto — o de Leonardo da Vinci (Freud, 1910/1996x) —, Hanly (1992) alerta sobre como uma possível homossexualidade reprimida de Freud poderia ter influenciado os seus escritos, apontando, assim, que a aplicação estaria submetida ao enviesamento de questões não resolvidas de seus aplicadores.

Ao dissertar sobre a Psicanálise Aplicada, Hanly (1992) pontua que, por se produzir previsões textuais ao invés de previsões clínicas, a Psicanálise Aplicada teria como vantagem o fato de serem abertas ao "escrutínio público", estando essa avaliação subordinada ao resultado de uma aplicação, embora também acuse o fato de que nem toda criação humana expõe suas motivações inconscientes. Ademais, uma previsão clínica seria passível de ser testada como verdadeira ou falsa, na medida em que os resultados seriam mensuráveis pela melhora sintomática do paciente em questão, o que não aconteceria em uma análise de um objeto ou fenômeno social. Desse modo,

As construções em psicanálise aplicada estão limitadas ao *status* de hipótese mais ou menos provável. Seu grau de probabilidade depende da riqueza do material disponível e da extensão na qual os conceitos teóricos requeridos para fazer as construções podem ser clinicamente validados. (Hanly, 1992, p. 47)

Além disso, uma aplicação poderia ser feita de modo ideológico, acarretando na omissão de dois importantes passos: "a identificação da prova no objeto que autorize uma abordagem psicanalítica, e a identificação da prova no objeto que autorize a interpretação específica" (Hanly, 1992, p. 44). Ou seja, em uma aplicação desse modo, não haveria no objeto uma comprovação da necessidade de uma leitura psicanalítica, sendo a teoria utilizada de modo puramente instrumental (Dionísio, 2012). Hanly (1992, p. 47). complementa:

Assim, se uma interpretação em psicanálise aplicada é para ser formalmente adequada, é preciso ser possível especificar não apenas o que há no objeto examinado que a exige, mas também sob quais condições ela seria falsa ou inaplicável.

O que corrobora com o que ele já afirmara anteriormente, de que nem todo objeto expõe as manifestações inconscientes de quem o criou, e onde não há inconsciente não pode haver interpretação psicanalítica. Hanly (1992) finaliza afirmando que os resultados de uma aplicação estariam sempre no campo das hipóteses, na medida em que a validação delas estaria subordinada à riqueza do conteúdo disponível e da exequibilidade da testagem de tais conceitos por meio da clínica.

O que é decisivo, quaisquer que sejam os motivos da pesquisa, é a qualidade da evidência para qualquer interpretação; mas deve ser reconhecido também que a psicologia do pesquisador ou do estudioso é um importante fator na busca da objetividade neste campo de pesquisa (Hanly, 1992, p. 53).

Quanto ao limite do analisável, tal questão é debatida por Pontalis (1977/2021), p. 211-225) em seu texto *Bordas e Confins*, alegando que o conhecimento do limite e do alcance do método e da teoria psicanalítica fora do campo onde nasceu, ainda não foi uma problemática sanada. Aponta que um paciente neurótico pode não ter ganhos com um determinado analista, mas conseguir avanços com outros, o que nos levaria a supor que a relação analítica se daria no “entre”, na transferência; porém imputar essa questão como acabada nos levaria a crer que o único limite do analisável estaria no analista, caindo em um subjetivismo, e partindo de uma onipotência por parte do analista.

O autor tenciona se ater a um lado “menos dependente das singularidades individuais” (p. 212), propondo olhar para um lado mais histórico da psicanálise, e se coloca a explorar como os psicanalistas, sobretudo contemporâneos a Freud, tratavam a analisabilidade dos pacientes. Como exemplo, cita Reich e Ferenczi, mesmo com todas as suas inúmeras divergências, como exemplo de analistas que possuíam uma predileção por casos ditos “difíceis”, e que este último se recusava a atribuir o fracasso de uma análise ao analisando.

[...] a falha pode ser buscada do lado do analista, o que em geral costuma ser aceito mais facilmente – minha contratransferência, meus pontos cegos, etc. – do que numa determinada análise singular e, uma vez reconhecida, convida a adaptar e a modificar o instrumento analítico; e isso não poderia ficar restrito ao problema, dito técnico, do manejo da situação. Pois esse instrumento que, no analista, permite que haja análise, é forjado precisamente pela dificuldade da análise (...) Para ele, os limites não estão na periferia, mas no centro: não podem ser forçados nem contornados. É com o que falta, no analisando e no analista, que o trabalho se dá. (Pontalis, 1977/2021), p. 215-216)

Isso nos leva a pensar que um caso dito *difícil*, ou que outrora era entendido enquanto inalisável, serviria como uma mola que empurraria o analista a refinar a sua técnica para bem conduzi-lo. Corroborando com o que Pontalis cita sobre o perigo de cair em um subjetivismo ao colocar toda a potência da análise no analista, Ferenczi coloca no e ou *entre* analisando e analista. Nesse sentido, Pontalis cita uma carta onde Freud teria escrito a Binswanger admitindo que não há nada que o homem esteja menos inclinado que a um processo analítico, na medida em que o aparelho psíquico se forma de modo a não favorecer tal processo. Discorre também sobre a repulsa que Freud sentia referente a pacientes de “personalidades psicopáticas” (Pontalis, 1977/2021), p. 220), aconselhando colegas sobre as condições psíquicas não favoráveis de tais pacientes para eventuais mudanças. Era sabido que havia uma predileção pelos pacientes neuróticos, sobretudo os de neurose obsessiva, por parte de Freud.

Esses exemplos não mostram a concepção *restrita* dentro da qual Freud pretendia manter a prática analítica? Foi essa limitação deliberada do campo de eficácia psicanalítica – limitação que depende de uma afinidade eletiva entre dois aparelhos psíquicos que permitiu a avançar com uma segurança jamais igualada no labirinto neurótico, mas também ignorar a tal ponto a contratransferência. (Pontalis, 1977/2021), p. 220-221).

Ainda que negligenciada por Freud, ulteriormente a contratransferência ganhou espaço nas clínicas, mas também em um amplo sentido, aponta Pontalis (1977/2021), a ponto de todo sentimento suscitado no analista ser chamado de contratransferência. Assim sendo, não é necessário recuar dela, mas se utilizar desse fenômeno clínico como um instrumento, e não como *mestre*, na medida em que a *inclusão* em demasia da contratransferência no manejo clínico poderia causar consequências desagradáveis ao analista, dado o desenrolar clínico. Seria nesse

movimento de *inclusão* e *exclusão* que se daria a exequibilidade da análise, nos confins, ou nos limites do analisável: “O campo do analisável construído e circunscrito por Freud se situa entre esses dois limites” (Pontalis, 1977/2021), p. 225). Ou seja, na psicanálise não se trata de definir limitações, bordas ou fronteiras, mas sim de trabalhar a partir delas, nos confins, questionando saberes instituídos e balizando linhas divisórias (Endo, 2020, p. 130). O que Pontalis tentou mostrar foi que a psicanálise pode avançar quando se propõe a trabalhar nos limites. Assim como fizeram Ferenczi e Reich com os pacientes tidos como difíceis ou inalisáveis.

Endo (2008) assinala que surgem iniciativas, no Brasil e em outros países, de se pensar *com* e *por meio* da psicanálise, mesmo com todas as resistências que circunscrevem essa prática, vindas de psicanalistas que reiteram que a psicanálise deveria se fazer e só se faz presente no seu *setting* originário, e que acusam os analistas que levam o saber psicanalítico para fora do divã de não estarem praticando a psicanálise, mas sim exercendo a participação social do psicanalista. Nesse sentido, Endo (2008, p. 23) afirma que “não existe psicanálise, nem coisa alguma, sem inscrição prévia num campo político, social e cultural”. Mesmo na clínica, ao escutar um paciente, este que fala está inserido em uma lógica sócio-histórica. Embora não se possa negar que o trunfo da psicanálise seja a clínica,

Também não se deve temer uma psicanálise sem clínica, criando a falsa oposição clínica versus social, já que o pensamento psicanalítico é sempre tributário da prática clínica, mesmo quando ele ignora seus princípios, e é aí que os psicanalistas são fundamentais, não como homologadores ou especialistas, mas como debatedores competentes e interessados na ultrapassagem dos impasses deixados por Freud e os que o sucederam [...] De outro modo, tantos são os atravessamentos cá para lá e viceversa, entre a psicanálise e outros saberes, que já não é sequer relevante incentivá-los ou coibi-los, mas sim examiná-los mais e melhor, protegendo e cultivando as excelentes indagações que germinam nesses debates entre estrangeiros. (Endo, 2008, p. 24).

Endo cita a necessidade de se entender os atravessamentos de campos distintos, uma vez que não se trata mais de coibi-los ou incentivá-los, pois a sua prática já é inquestionável. O autor, ao questionar se o psicanalista poderia ser um intelectual, alega, corroborando com a ideia já citada de Pontalis (1977), que esse encontro da psicanálise com campos distintos têm de ser feitos nos limites “Mas tão-

somente trabalhando nas fronteiras daquilo que resiste à psicanálise” (Endo, 2008, p. 29); ou seja, assim como Freud ousou adentrar em campos até então intocáveis pela psicanálise, como a antropologia em *Totem e Tabu* (1913/1996bd), ou na persistência que tiveram Ferenczi e Reich com os pacientes tidos como difíceis ou inalisáveis são nesses terrenos estrangeiros que a psicanálise pode gerar frutos ao adentrar.

Tendo em vista o exposto, tanto Pontalis (1977) quanto Endo (2008) consideram que o local de encontro entre a psicanálise e outro campo do saber se dá na fronteira, nos confins, não nas bordas, para que possa proporcionar uma mola propulsora a ambos saberes, sem cair em uma violência interpretativa ou entorpecimento teórico.

Sobre a participação social do analista, Éric Laurent (1999) discute essa temática, e apresenta o termo *analista-cidadão*, cuja função ultrapassaria a ideia de um analista operador de desidentificações imaginárias, anteriormente proposta por Serge Leclaire (Laurent, 1999):

Os analistas têm que passar da posição de analista como especialista da desidentificação à de analista cidadão. Um analista cidadão no sentido que tem esse termo na teoria moderna da democracia. Os analistas precisam entender que há uma comunidade de interesses entre o discurso analítico e a democracia, mas entendê-lo de verdade! Há que se passar do analista fechado em sua reserva, crítico, a um analista que participa; um analista sensível às formas de segregação; um analista capaz de entender qual foi sua função e qual lhe corresponde agora. (Laurent, 1999, p. 8)

Ou seja, não cabe ao psicanalista se omitir frente aos acontecimentos sociais e culturais ou ser um mero operador de desinflar identificações, mas cabe a ele, sobretudo, responder aos chamados de sua época, munido de seu saber psicanalítico, fazendo o discurso circular pela manutenção do laço social.

Da prática do analista-cidadão, tendo como pano de fundo a Segunda Guerra Mundial, Laurent (1999) cita Bion como exemplo, expondo como este propôs a criação de grupos de homens que não queriam ir para o exército com a finalidade de analisar a suas motivações, e, a partir dessa análise, dar a oportunidade a esses sujeitos de escolherem caminhos possíveis em relação às próprias vidas:

Nesse sentido, o analista, mais que um lugar vazio, é o que ajuda a civilização a respeitar a articulação entre normas e particularidades individuais. O analista, mais além das paixões narcísicas das diferenças, tem que ajudar, mas com os outros, sem pensar que é o único que está nessa posição. Assim, com os outros, há de ajudar a impedir que, em nome da universalidade ou de qualquer universal, seja humanista ou anti-humanista, esqueça-se a particularidade de cada um. Esta particularidade é esquecida no Exército, no Partido, na Igreja, na Sociedade analítica, na saúde mental, em todas as partes. É preciso recordar que não há que se tirar de alguém sua particularidade para misturá-lo com todos no universal, por algum humanitarismo ou por qualquer outro motivo. (Laurent, 1999, p. 9)

A partir da ideia de um analista-cidadão, Laurent demonstra que a psicanálise inserida no campo social deve entender que trabalha em conjunto com outras áreas, e não sozinha, e que não deve se ater somente às questões individuais do sujeito, mas às questões deste enquanto ser social, que faz parte das produções de sua época e de um laço social, portanto, tendo como função a manutenção das normas civilizatórias. Nesse sentido, embora não se atenha à psicanálise aplicada *stricto sensu*, coloca uma função social e política ao analista, em especial àquele que se aventura para fora do consultório tradicional.

2 DA APLICAÇÃO À EXTENSÃO

2.1 A psicanálise em extensão de Lacan

Jacques Lacan, um dos mais conhecidos e importantes pós-freudianos, teve sua obra marcada pelo que ficou conhecido como *retorno a Freud*. Durante trinta anos desempenhou pesquisas sobre a obra freudiana, revisando-a e renovando-a, e, a partir desse retorno, criou novos conceitos, como o de *objeto a*, a tríade *imaginário, simbólico e real*. Além disso, aproximou a psicanálise do campo das ciências humanas, ao apresentar um inconsciente estruturado como linguagem, tendo trabalhado com autores das ciências humanas como Saussure, Hegel e Lévi-Strauss. Foi responsável por subverter a estrutura biológica da psicanálise, dando a ela uma estrutura filosófica (Roudinesco; Plon, 1997). Sua trajetória também foi marcada pelo rompimento com a IPA (*Internacional Psychoanalysis Association*) em 1964, motivado por discordâncias no modo de se fazer psicanálise. Excomungado da associação, fundou a *École Freudienne de Paris* (EFP), que deu origem a uma nova forma de se transmitir e fazer psicanálise. As sessões não teriam mais o tempo engessado de 50 minutos, nem tampouco existiria mais a distinção entre uma análise didática e uma análise de fins terapêuticos. Ademais, deixa claro que se trata, sobretudo, de uma *escola*, em oposição ao que outrora era chamado de associação “para expressar o caráter platônico de sua reformulação” (Roudinesco; Plon, 1997, p. 452), ou seja, para ampliar o acesso ao saber psicanalítico.

É nesse sentido que, em *Proposição de 9 de outubro de 1967* (1967/2003), Lacan buscou explanar sobre a sua escola, e apresentou os dois movimentos que chamou de *Psicanálise em Intensão* (ou *pura*) e *Psicanálise em Extensão*:

Nos dois momentos de junção do que chamarei, neste arrazoado, respectivamente, de psicanálise em extensão, ou seja, tudo que resume a função de nossa Escola como presentificadora da psicanálise no mundo, e psicanálise em intensão, ou seja, a didática, como não fazendo mais do que preparar operadores para ela. (Lacan, 1967/2003, p. 251)

Assim sendo, tendo a Escola como principal função a extensão da psicanálise, ela não deve deixar de lado a sua intensão, aquilo que há de singular na práxis psicanalítica:

Partindo da função orientadora da intensão no que tange à extensão da psicanálise, penso haver possibilidades claras da extensão analítica sem que seus fundamentos sejam dissolvidos e apresentando notadamente rigor ético no sentido de sua política, guardando as diferenças táticas daquela que atua no espaço de seu enquadramento tradicional, os consultórios privados. (Soares, 2009, s/p)

Desse modo, temos que a extensão busca abarcar a psicanálise para o além-clínica de consultório, pensando na presentificação dela nas produções culturais e sociais (Lustosa, 2003), sendo levada, sobretudo, pelos integrantes das instituições psicanalíticas; não à toa Lacan coloca essa modalidade enquanto uma função de sua escola. Enquanto a intensão “relaciona-se à preparação de ‘operadores’, ou seja, o que conota a singularidade da experiência (clínica) psicanalítica” (Lustosa, 2003, p. 7), se presentificando na clínica chamada *stricto sensu*, como citado anteriormente, a intensão é intrincada à extensão, na medida em que essa última deve manter o caráter clínico da análise.

Echevarria (2017, p. 2) assinala que a “intensão funda a extensão”, do mesmo modo que a extensão abastece o analista que trabalha a partir da clínica em intensão. Dessa maneira, é como se essas duas abordagens se aparelhassem em uma forma moebiana, em que uma é complementar e suplementar à outra. Corroborando com essa ideia, Ribeiro e Bastos (2007), ao pensarem a extensão da psicanálise na área escolar e da saúde mental, apontam que o analista que trabalha com a Psicanálise em Extensão deve operar a partir de uma psicanálise pura, ou seja, em sua intensão.

Considerado o supracitado de que o termo “Psicanálise Aplicada” abarca uma série de significados, nos guiaremos a partir da ideia de uma Psicanálise em Extensão para pensar nas aplicações, tendo em vista as áreas que surgiram dessa modalidade de análise: a psicanálise sociopolítica e a ético-estético. Entendemos a necessidade de categorizar tais áreas para que elas possam ser exploradas com

mais delimitações. Utilizaremos a noção lacaniana de Psicanálise em Extensão enquanto um organizador do campo.

2.2 Do início da cultura à sua manutenção

A base criada por Freud para uma abordagem psicanalítica da cultura teve a sua inauguração com o texto *Totem e Tabu* (1913/1996bd), já citado neste trabalho algumas vezes. Porém, aqui, cabe uma análise dele conjuntamente ao ensaio *O Mal-estar na civilização* (1930/1996ai), tendo em vista que o primeiro, lançado em 1913, ainda na primeira tópica freudiana, serviu como fundamento para se pensar em uma inauguração da vida em sociedade, dado o contrato social necessário entre os irmãos, enquanto o segundo versa justamente sobre o Mal-estar do sujeito em se ver parte desse ciclo social. Ademais, são textos paradigmáticos no que tange uma psicanálise que se volta a pensar em temas sócio-político-culturais.

Totem e tabu (1913/1996bd) dialoga também com a História da humanidade. Logo em seu primeiro capítulo, ao discutir sobre o horror ao incesto, busca nos seres primitivos uma comparação com os homens contemporâneos, alegando que apesar de toda a distância histórica, eles ainda guardariam semelhanças. Para tanto, Freud recorre aos aborígenes australianos, populações indígenas que os antropólogos atribuíam serem os povos mais atrasados em termos de desenvolvimento de cultura, pela ausência de linguagem e relação física com os seus vizinhos mais próximos, além da ausência de uma hierarquia, e coloca que:

Naturalmente não era de se esperar que a vida sexual desses canibais pobres e desnudos fosse moral no nosso sentido ou que seus instintos sexuais estivessem sujeitos a um elevado grau de qualquer restrição. Entretanto, verificamos que eles estabelecem para si próprios, com o maior escrúpulo e o mais severo rigor, o propósito de evitar relações sexuais incestuosas. Na verdade, toda a sua organização social parece servir a esse intuito ou estar relacionada com a sua consecução. (Freud, 1913/1996bd, p. 23)

Mesmo com todas as precariedades sociais e auto regulatórias que tangeriam a vida desses povos primitivos, eles guardavam entre si a restrição quanto as relações incestuosas. Também, continua Freud, pela falta das instituições sociais e

religiosas, dava-se lugar ao *totemismo*. Era comum que as tribos fossem subdivididas em grupos menores, ou clãs, tendo cada um o seu próprio totem, que seria um determinado símbolo (animal, objeto, ou até fenômenos naturais, como a chuva) que manteria uma relação única com todo o clã:

Em primeiro lugar, o totem é o antepassado comum do clã; ao mesmo tempo, é o seu espírito guardião e auxiliar, que lhe envia oráculos, e embora perigoso para os outros, reconhece e poupa os seus próprios filhos. Em compensação, os integrantes do clã estão na obrigação sagrada (sujeita a sanções automáticas) de não matar nem destruir seu totem e evitar comer sua carne (ou tirar proveito dele de outras maneiras). O caráter totêmico é inerente, não apenas a algum animal ou entidade individual, mas a todos de uma determinada classe. De tempos em tempos, celebram-se festivais em que os integrantes do clã representam ou imitam os movimentos e atributos de seu totem em danças cerimoniais. (Freud, 1913/1996bd, p. 22)

Ao explicar sobre o totem, Freud confessa o que, dessa dinâmica, seria de interesse dos psicanalistas: o fato de que, em um sistema totêmico, encontra-se também uma lei, que seria de interdição a relações sexuais entre pessoas do mesmo totem e, como consequência, a proibição do casamento entre elas. Ele aponta para uma peculiaridade de comunicação entre esses povos, que é o fato de eles não se chamarem a partir das relações individuais, mas, sim, grupais, “assim, um homem utiliza o termo ‘pai’ não apenas para o seu verdadeiro genitor, mas também para todos os outros homens com quem sua mãe poderia ter-se casado” (p. 26), e faz um paralelo entre as famílias contemporâneas, em que as crianças são incentivadas a chamarem os amigos dos pais como “tios” ou “tias”.

Em seguida, aponta mais uma semelhança entre os povos primitivos e as sociedades mais contemporâneas: o sistema matrimonial da exogamia, adotado pelos aborígenes, em seu estado mais avançado, que iria para além da proibição do incesto, como também a proibição de casamentos entre grupos de parentes mais distantes, que se assemelharia à interdição realizada pela igreja católica, que estendeu a proibição de matrimônios entre irmãos para aqueles que seriam parentes espirituais. Indo na mesma direção, Freud analisa nos povos primevos a origem da relação entre genro e sogra, relação que se apresenta conflituosa nas civilizações atuais: “Sem sombra de dúvida, a evitação mais difundida e rigorosa (e a mais interessante, do ponto de vista das raças civilizadas) é a que impede as relações de

um homem com a sogra” (p. 31). Para chegar ao cerne da questão, Freud diz que: “mais uma vez vou restringir-me a citar a alguns exemplos” (p. 31), exemplos estes que resgata dos Melanésios das Ilhas Banks, onde as restrições de contato entre genro e sogra são extremamente severas. Também, em Vanua Lava, um genro e uma sogra só podem se falar mediante uma distância considerável. Nas Ilhas Salomão, dado o casamento, o noivo fica impedido de conversar com a mãe da noiva, e segue com outros exemplos. De certa forma, o que Freud faz, e que é bem conhecido de sua dinâmica, é tomar um caso particular para universalizar um raciocínio, embora neste caso não se trate *necessariamente* de um raciocínio clínico, mas de uma certa transmissão de cultura, como se estivesse buscando identificar paralelos do que resta das tradições antigas que ainda permanece na vida dos grupos atuais.

Não satisfeito com as explicações antropológicas, Freud recorre a explorar as dinâmicas inconscientes que estariam presentes na relação sogra-genro. Alega que por parte das sogras haveria uma identificação com a suas filhas, que poderia ser tão forte a ponto de a mãe se apaixonar pelo homem que a filha ama. Dessa forma, também seria explicado o fato de por vezes a sogra direcionar comportamentos agressivos ao genro, uma vez que tais comportamentos estariam a serviço de reprimir os sentimentos afetuosos. Do lado do genro, Freud defende que os impulsos são similares, embora tenham fontes diferentes:

Descobre-se que geralmente ele escolhe a mãe como objeto de amor, e talvez a irmã também, antes de chegar à escolha final. Por causa da barreira que existe contra o incesto, seu amor é desviado das duas figuras sobre quem sua afeição se centralizava na infância para um objeto externo modelado sobre elas. O lugar de sua própria mãe, que é também mãe de sua irmã, é assumido pela sogra. Ele tem um impulso a recair em sua escolha original, embora tudo nele lute contra isso. (Freud, 1913/1996bd, p. 34)

O que barraria uma escolha direta pela sogra seria justamente o horror ao incesto, e o fato de que a sogra seria conhecida apenas em seu presente, não havendo dessa forma no inconsciente do genro uma representação imutável dela.

Realizada a análise psicanalítica da relação entre genro e sogra, Freud conclui que é justamente o fator incestuoso intrínseco nessa relação que motivou os

aborígenes a estabelecerem regras em tal convivência, colocando que “Somos levados a acreditar que essa rejeição é, antes de tudo, um produto da aversão que os seres humanos sentem pelos seus primitivos desejos incestuosos, hoje dominados pela repressão.” (p. 36).

É interessante que nessa análise Freud parte de duas vias: uma antropológica, histórica, que busca nos povos primevos as origens para os tabus, mas também de outra que se propõe a analisar os fatores inconscientes nas mesmas relações contemporâneas para chegar a um desenlace sobre quais lógicas esses comportamentos se organizam. Não à toa *Totem e Tabu* (1913/1996bd) se apresenta, desde o seu lançamento, como um texto eminentemente interdisciplinar (Birman, 2016).

No segundo capítulo, Freud se debruça, tendo Wundt como guia, sobre os tabus. Estes, diferentemente de uma restrição moral ou religiosa, não possuem um fundamento ou uma origem conhecida. O tabu possuiria suas próprias regras em caso de violação: ou ele mesmo se vingaria ou a sociedade a qual ele pertence. Um outro ponto interessante é que quem viola um tabu também se torna um. Além do que, *justamente* pela proibição, os tabus guardariam não só o temor do contato com ele, como também um fascínio.

Após fazer uma análise sobre as características que compõem um tabu, Freud avança em seu raciocínio ao debater sobre a implicação da psicanálise a respeito do tabu:

Quem quer que aborde o problema do tabu pelo ângulo da psicanálise, isto é, da investigação da porção inconsciente da mente do indivíduo, reconhecerá, após um momento de reflexão, que esses fenômenos estão longe de lhe serem estranhos. (Freud, 1913/1996bd, p. 44)

À vista disso, Freud cita que Wundt teria encontrado pessoas cujo funcionamento mental fosse bastante parecido com o de um tabu: criam regras próprias e as obedecem rigorosamente. Freud se refere aos neuróticos obsessivos, e coloca que o ponto de similaridade mais evidente é que as proibições dos obsessivos são tão desprovidas de um motivo quanto as dos tabus. Carregam também o fato de que, para o neurótico obsessivo, apenas pensar em violar essas

proibições poderia acarretar em uma desgraça. Nessa via, Freud coloca quatro correspondências entre as práticas dos tabus e a dinâmica da neurose obsessiva, que seriam: 1) A ausência de um motivo para as proibições; 2) Tais proibições são mantidas por um fator interno; 3) Tais proibições são deslocáveis; 4) A necessidade da realização de atos cerimoniais.

Se Freud, em determinados momentos, busca em povos do passado ou nos considerados primitivos a origem de determinados comportamentos, aqui, ele faz um movimento oposto ao propor que “o que nos esforçamos por confirmar, portanto, são os determinantes psicológicos do tabu, que viemos a conhecer a partir da neurose obsessiva.” (Freud, 1913/1996bd, p. 52). Dito isso, é a partir dos movimentos inconscientes obsessivos que Freud busca entender as dinâmicas do tabu, e não o contrário. Embora saiba e deixe claro que um tabu não é uma neurose, mas sim uma instituição social (p. 85). Porém uma instituição social não teria o atravessamento dos inconscientes daqueles que fazem parte dela?

Em outro momento do texto, ao explorar a morte do pai da horda primeva, o austríaco coloca que

Um acontecimento como a eliminação do pai primevo pelo grupo deve inevitavelmente ter deixado traços inerradicáveis na História da humanidade e, quanto menos ele próprio tenha sido lembrado, mais numerosos devem ter sido os substitutos a que deu origem. Resistirei à tentação de apontar esses traços na mitologia, onde não são difíceis de encontrar, e voltar-me-ei noutra direção, aceitando a sugestão feita por Salomon Reinach num ensaio muito instrutivo sobre a morte de Orfeu. (Freud, 1913/1996bd, p. 162)

Aqui ele recorre à mitologia grega para melhor elaborar a sua tese ao redor do sentimento de culpa. É sabido que, com a junção dos irmãos para matar o pai tirano, uma sobra dessa operação é o sentimento de culpa; sentimento este que regula o comportamento em sociedade. Uma outra passagem importante ao raciocínio clínico que Freud implicitamente coloca é o fato de que quanto menos ele — o pai — tenha sido lembrado, mais substitutos a ele surgiram: quando um sujeito não lembra o que aconteceu, mais suscetível está a lembrar pela via do ato, movimento deveras explorado no texto *Recordar, Repetir e Elaborar* (Freud, 1914/1996aw).

Retornando ao texto, após o assassinato do pai, os filhos devoraram a sua carne como em um banquete totêmico, na espera de se identificarem com a potência paterna, mostrando um desejo recalcado de serem como o pai. O progenitor tirano recebia de seus filhos o sentimento de ódio, raiva, mas com a sua morte e a sua ingestão, revela-se também uma admiração, uma afeição. Tal ambivalência sentimental gerou nos filhos a instauração de uma nova ordem social: o lugar do pai que goza de todas as coisas era intocável por eles, dessa forma, a mãe e a irmã (o incesto) seriam proibidas, e como forma de amenizar a rivalidade entre irmãos, solidificaram a união entre eles; com a ingestão do pai morto, este se tornara muito mais forte do que era vivo. Ou seja, “anularam o próprio ato proibindo a morte do totem, o substituto do pai; e renunciaram aos seus frutos abrindo mão da reivindicação às mulheres que agora tinham sido libertadas.” (Freud, 1913/1996bd, p. 151). E ao concluir, então,

[...] esta investigação excepcionalmente condensada, gostaria de insistir em que o resultado dela mostra que os começos da religião, da moral, da sociedade e da arte convergem para o complexo de Édipo. Isso entra em completo acordo com a descoberta psicanalítica de que o mesmo complexo constitui o núcleo de todas as neuroses, pelo menos até onde vai o nosso conhecimento atual. Parece-me ser uma descoberta muito surpreendente que também os problemas da psicologia social se mostrem solúveis com base num único ponto concreto: – a relação do homem com o pai. É mesmo possível que ainda outro problema psicológico se encaixe nesta mesma conexão. Muitas vezes tive ocasião de assinalar que a ambivalência emocional, no sentido próprio da expressão – ou seja, a existência de amor e ódio para os mesmos objetos – jaz na raiz de muitas instituições importantes. (p. 163)

Do mesmo modo, no desenvolvimento libidinal da criança chega um momento em que ela precisa abrir mão do desejo que sente pelo genitor do sexo oposto, e da raiva pelo genitor do mesmo sexo, para que possa adentrar na cultura.

Vejamos, *Totem e Tabu* (Freud, 1913/1996bd) é um texto considerado inaugural na obra freudiana no que tange uma psicanálise que busca pensar a *origem* dos alicerces da cultura, da religião e da vida em sociedade, por vezes operando em uma espécie de vai-e-volta entre os povos ditos primitivos e os neuróticos, na tentativa de achar uma dinâmica inconsciente nos atos primitivos, e outras na tentativa de avaliar o que restou delas em seus contemporâneos. Não se

trata de um texto que tenciona analisar a interação do sujeito dentro de uma cultura já “consolidada”. O que emerge de uma vida social, seja em qual âmbito for — religioso, familiar, ciclo social —, é o sentimento de culpa, que aparece enquanto regulatório das mais diversas formas de socialização do homem, e sobretudo enquanto um afeto pouco regulado; a culpa aparece pela via de seu oposto, a saber, a punição. Para que uma sociedade pudesse emergir, foi preciso um recalque da agressividade e um tamponamento desta com os sentimentos afetuosos, mas o que permitia e forçava essa operação era, precisamente, a culpa sentida pelos irmãos.

É preciso levar em consideração que este texto foi inaugurado em 1913, ainda na primeira tópica freudiana, quando o conceito de pulsão de morte, tão caro à psicanálise e estreito ao sentimento de culpa, não havia nem sido pensado pelo autor. Já no texto *O Mal-estar na civilização* (1930/1996ai) nos deparamos com um Freud maduro, já com os conceitos psicanalíticos bem desenvolvidos e articulados entre si. É inegável que neste último ensaio Freud já dispunha de mais elementos não só metapsicológicos para se pensar a vida em sociedade, mas também um maior entendimento do funcionamento do aparelho psíquico. Feitas as considerações, passaremos para o segundo texto.

Em *O Mal-estar na civilização* (1930/1996ai), Freud localiza três fontes de sofrimento do homem: do padecimento do próprio corpo, do mundo externo — a exemplo dos desastres naturais que podem acontecer —, e das relações sociais; e coloca este último como o causador do mais intenso sofrimento. Neste ponto, ele coloca o externo como influente ao *princípio da realidade*, que faria oposição ao *princípio do prazer* (busca incessante do aparelho psíquico), tendo como função barrar o prazer desmedido. E o que se sujeitaria ao princípio de realidade seria o superego, instância psíquica que surge na obra freudiana após os anos 20, e que operaria em consonância com as leis morais, ocasionando não apenas um limite em relação a essa busca desmedida por satisfação, uma vez que ele poderia se expressar na culpa, vergonha ou outros sentimentos inibitórios, mas, também, garantindo uma certa proteção a uma infelicidade dessa busca incessante. Pensemos: se o indivíduo se sujeitasse a tudo por uma dita satisfação pulsional

proibida pela lei jurídica ou até mesmo moral, ao realizá-lo poderia sofrer as sanções, o que ocasionaria um sofrimento.

Freud aponta que uma técnica para lidar com o sofrimento seria pela via da sublimação dos instintos, que consistiria em um deslocamento libidinal a um objetivo socialmente aceito, como as expressões artísticas. Também haveria as ilusões, que serviriam para conseguir alguma satisfação frente a uma realidade intragável. E até mesmo as fruições das belezas das formas e dos gestos humanos. Mas mesmo todas essas técnicas descritas poderiam falhar na evitação de um sofrimento, e ele alega que

Nossa civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça e que seríamos muito mais felizes se a abandonássemos e retornássemos às condições primitivas [...] Descobriu-se que uma pessoa se torna neurótica porque não pode tolerar a frustração que a sociedade lhe impõe, a serviço de seus ideais culturais, inferindo-se disso que a abolição ou redução dessas exigências resultaria num retorno a possibilidades de felicidade. (Freud, 1930/1996a, p. 93-94)

A civilização, segundo Freud, teria algumas características, como o apreço pela ordem, pela limpeza, pela beleza e pelas elevadas atividades mentais do homem. Mas teria uma característica bastante marcante: os relacionamentos sociais, na medida em que estes seriam regulados precisamente pela existência de uma lei, pois, se não existisse, a vida em sociedade ficaria à mercê do indivíduo mais forte. No entanto essa lei, que regula e garante a segurança e a união dos indivíduos, é a mesma que impõe restrições à liberdade. É este o ponto que marca a passagem da selvageria para a civilização: o momento em que há um contrato social operando. Lembremo-nos do texto citado anteriormente.

O debate crucial do texto se apresenta à medida que Freud divaga sobre as renúncias impostas pela vida em sociedade. Essas renúncias, motivos da neurose no sujeito, fazem com que ele tenha que criar satisfações por uma via substituta, que causam sofrimento ou por elas próprias ou pelas relações que criam. Se não houvesse uma lei social, um imperativo ao amor e renúncias aos instintos arcaicos, os homens estariam à mercê de suas agressividades:

A existência da inclinação para a agressão, que podemos detectar em nós mesmos e supor com justiça que ela está presente nos outros, constitui o fator que perturba nossos relacionamentos com o nosso próximo e força a civilização a um tão elevado dispêndio [de energia]. Em consequência dessa mútua hostilidade primária dos seres humanos, a sociedade civilizada se vê permanentemente ameaçada de desintegração. O interesse pelo trabalho em comum não a manteria unida; as paixões instintivas são mais fortes que os interesses razoáveis. A civilização tem de utilizar esforços supremos a fim de estabelecer limites para os instintos agressivos do homem e manter suas manifestações sob controle por formações psíquicas reativas. Daí, portanto, o emprego de métodos destinados a incitar as pessoas a identificação e relacionamentos amorosos inibidos em sua finalidade, daí a restrição à vida sexual e daí, também, o mandamento ideal de amar ao próximo como a si mesmo, mandamento que é realmente justificado pelo fato de nada mais ir tão fortemente contra a natureza original do homem. (Freud, 1930/1996a, p. 117)

E continua: “O homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança.” (p. 119).

Para o bem comum, a agressividade precisaria ser inibida em sua finalidade, ou haveria uma constante luta entre todos. Dessa forma, a agressividade retornaria ao sujeito, e nele parte do eu a introjetaria e a internalizaria, transformando-se na instância psíquica denominada de superego, citada anteriormente, que se colocaria como uma constante tensão com o eu, se manifestando sobretudo por uma necessidade de punição, visto o caráter moral e punitivo que ganha. A esse movimento, Freud dá o nome de *sentimento de culpa*. A culpa, sentimento que, de certa forma, regula o comportamento dos homens, apresenta-se não só quando o sujeito realiza um ato condenado pela sociedade, mas também quando se vê inclinado a fazê-lo em pensamento. Aqui, retornando à ideia de uma renúncia da felicidade, Freud aponta que “o preço que pagamos por nosso avanço em termos de civilização é uma perda de felicidade pela intensificação do sentimento de culpa” (p. 137), na medida em que um indivíduo precisa reprimir a sua agressividade de ser direcionada a um outro, pois só assim a lei social pode ser garantida. Em outros termos, o princípio de prazer que se daria por uma descarga é barrado pelo princípio de realidade, imposto pela vida em conjunto.

Para que a civilização possa se manter, é necessária uma renúncia pulsional por parte do sujeito, embora Freud também nos ensine que a pulsão não é educável; ela se manifesta de alguma forma, nem que seja pelo seu inverso ou pelo retorno à

fonte, como mostrou em *Além do princípio de prazer* (1920/1996l) e depois retomou no presente texto (1930/1996ai) com o desenvolvimento do conceito de sentimento de culpa. A civilização se sustenta em uma eterna disputa entre Eros e Tanatos, entre criação e destruição, laços e aniquilamento. No momento em que um indivíduo entra para a lógica cultural, o mal-estar se instala.

A identificação, tão presente nas lógicas de grupo, como explorou em *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921/1996b), coloca-se enquanto uma necessidade da vida em sociedade, que por vezes sustenta os relacionamentos humanos. E não apenas isso, o fenômeno da identificação, junto à necessidade de formação grupal, é um dos pilares da vida conjunta, garantindo uma lei social, dessa forma refreando a barbárie do mais forte frente ao mais fraco.

Tal como em *Totem e Tabu* (1913/1996bd), em *Mal-estar na civilização* (1930/1996ai) Freud também opera em um vai e vem, ora analisando a relação do homem frente a cultura, ora analisando os mecanismos mentais internos. Alguns pontos iniciados no texto de 1913 são retomados no de 1930, de maneira mais estruturada, visto a própria evolução da metapsicologia. Outrossim, não é como se o psicanalista buscasse explicar determinado acontecimento pela via de um conceito, quase que em uma testagem conceitual, como operou em *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910/1996x); aqui, é como se nomeasse alguns mecanismos sociais de acordo com a relação e repercussão na vida do sujeito obrigatoriamente civilizado.

2.3 Uma psicanálise sociopolítica

Previamente, é importante retornar às *Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise* (Freud, 1933/1996ad), em que Freud fala sobre a psicanálise não ser uma *weltanschauung* — uma visão de mundo, uma resposta para todas as questões da humanidade. Nesse sentido, estariam as religiões e a filosofia, sendo a primeira adversário das ciências, e a segunda comportando-se como uma. Também haveria a *arte*, que nas palavras do autor: “quase sempre é inócua e benéfica; não procura ser nada mais que uma ilusão” (p. 157). A psicanálise, em contrapartida, não poderia

criar uma visão de mundo por si só, pois já faz parte da *weltanschauung* científica, e afirma Freud (1933/1996ad, p. 177):

A psicanálise é incapaz de criar *weltanschauung* por si mesma. A psicanálise não precisa de uma *weltanschauung*; faz parte da ciência e pode aderir à *weltanschauung* científica. Esta, Porém, dificilmente merece um nome tão grandiloquente, pois não é capaz de abranger tudo, é muito incompleta e não pretende ser auto-suficiente e construir sistemas.

Isto posto, a psicanálise não pretende criar uma verdade de mundo ou responder a todas as perguntas que dizem respeito aos variados fenômenos culturais, mas ela pode, isso sim, nos dar elementos para pensar as dinâmicas psíquicas postas nas mais diversas manifestações sócio-políticas-culturais, além de delinear um modo para se pensar estas questões. Mezan (1985), um dos mais importantes estudiosos brasileiros a respeito da interação entre psicanálise e cultura, coloca que a análise de fenômenos culturais por parte do austríaco foi um dos pilares de sustentação da criação da psicanálise. Assim sendo, não há psicanálise sem análise dos fatos culturais, até mesmo porque o sujeito se produz em uma relação dialética com eles.

Não cabe, novamente, debater a veracidade ou a testagem das teorias extraídas por Freud em suas análises. Verdadeiros ou não, tais exames serviram como base para uma teoria psicanalítica que se enlaça nas teorias sociopolíticas. É sabido que não só a psicanálise bebeu de outras fontes, como outras fontes beberam da psicanálise para enriquecer os debates sociopolíticos. Na filosofia, por exemplo, a *teoria social*, tendo Adorno (1903-1969) como principal expoente, propôs uma psicologia social de base psicanalítica, que não poderia se confundir com a psicanálise em si. Na sociologia, Bourdieu (1930-2002), em seus escritos mais avançados, utilizou os conceitos de *Illusio* e *Habitus Clivado* que, segundo Seabra Santos (2021) requiririam um diálogo com a psicanálise enquanto fundamento para compreensão da complexidade que envolve o sentido da ação. Contrariando algumas ideias sociológicas hegemônicas até então, a exemplo da de Durkheim, e com o auxílio de conceitos psicanalíticos, como o de denegação (*verneinung*) e clivagem do eu, Bourdieu aponta para um sujeito que não é apenas reprodução do

meio, mas que opera a partir de uma interação entre o ambiente e os determinantes psíquicos citados acima.

Mezan (1985) nos recorda que é durante e após a Primeira Guerra Mundial que Freud busca explorar mais o tema da agressividade, que surge em sua teoria como uma exteriorização da pulsão de morte. Não é coincidência que Freud tenha formulado conceitos e questões sobre a agressividade em um período em que havia a ascensão do fascismo na Europa e a vitória dos bolcheviques na Revolução Russa. Cita Mezan (1985, p. 431):

Ora, como a análise da cultura nos grandes textos do período final de sua obra está relacionada com esta noção, é preciso elucidar as razões – mais complexas do que parecem à primeira vista – pelas quais estes textos são escritos exatamente nestes anos.

Destarte, é entre 1920 e 1926 que a metapsicologia sofre transformações em questões importantes, como a teoria da angústia, a sexualidade feminina, a compreensão da estrutura perversa, sem contar a passagem da primeira à segunda tópica, virada de chave na teoria psicanalítica (Mezan, 1985).

Influenciado por fatores externos, sobretudo a Segunda Guerra Mundial — lembrando que Freud era de família judaica em meio à ascensão do nazismo na Europa —, e por um amadurecimento da teoria, em 1930 ele lança o tão importante *Mal-Estar na civilização* (1930/1996ai), que explora temas também já apontados em *Totem e Tabu* (1913/1996bd).

No campo psicanalítico, a discussão de uma psicanálise que pudesse servir a um pensamento sociopolítico floresceu por diversas partes, não apenas no que tange a novas releituras de uma psicanálise *aplicada* à sociopolítica, mas na utilização de conceitos para se pensar em determinados fenômenos advindos desse campo. Joel Birman (2020a) ao discorrer sobre uma cartografia psicanalítica da política, afirma que tal relação é marcada por desentendimentos. Por muito tempo o campo psicanalítico se eximiu de discussões políticas em nome de uma neutralidade asséptica. Cita como exemplo (Birman, 2020b, p. 15-32) a tradução errônea do texto *Psicologia das massas e análise eu*, por *Psicologia de grupos e análise do eu* (Freud, 1921/1996b), que acarretou em um esvaziamento do real sentido do texto,

que seria de uma leitura psicanalítica da política, do poder e da governabilidade. Tal tradução foi orientada pela IPA, a partir de uma ideia de que discurso psicanalítico não deveria e não poderia se estender ao campo político, pois deveria se ater completamente ao campo clínico de consultório. Também, no cenário internacional, por muito tempo a prática analítica de consultório era voltada à elite econômica. No entanto, atualmente, devido à precarização econômica advinda do neoliberalismo, os analistas viram-se obrigados a dedicar sua prática a pessoas de realidades econômicas menos favorecidas (Birman, 2020a). Ademais, a partir dos anos 80, seguindo com a inserção de psicólogos e profissionais das ciências humanas na psicanálise, houve uma desmedicalização desta e um aumento do número de analistas, acarretando em uma reserva de mercado que fez com que parte da categoria fosse inserida em áreas correlatas, como aquelas de assistências públicas à saúde mental (Birman, 2021). Desse modo,

[...] foi, assim, nesse contexto histórico e social de transformação radical da demanda de análise que o problema da política incidiu efetivamente sobre o campo psicanalítico de forma decidida, conduzindo os analistas a se ocuparem diretamente desta questão de maneira crucial, inclusive sob a forma de engajamento político em distintas causas sociais. (Birman, 2020a, p. 12)

Por escolha ou não, os analistas tiveram que se voltar e se implicar com as problemáticas que estavam para além de seus finos consultórios.

Freud considerava a psicanálise um elo entre as ciências médicas, a mente e a psicopatologia, e que “sua verdadeira essência” consistiria em seu desenvolvimento bidirecional” (Smadja, 2016, p. 171), dado que desde o lançamento de *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/1996g), ele demonstrou que os processos psíquicos que compõem os sonhos também compõem os fenômenos culturais e sociais. Smadja (2016, p. 171) afirma que é a partir do campo simbólico, campo comum a todo indivíduo e a toda cultura, que Freud pôde situar a psicanálise numa posição limítrofe entre as ciências médicas e as culturais. O autor (Smadja, 2016), porém, traz como crítica o fato de que Freud não teria reconhecido a especificidade do campo sociocultural, nem de seus modos de funcionamento e nem de seus fenômenos, afirmando que o austríaco “criaria confusão entre a natureza do

objeto da sua psicologia de massas ou de povos e a das duas disciplinas contemporâneas à psicanálise: a sociologia e a antropologia.” (p. 172), e que seguir, dessa forma, o modo freudiano de trabalhar com as manifestações culturais seria uma transposição crua de um funcionamento psíquico individual para um funcionamento grupal. Tendo isso em vista, o autor alega que Freud teria inaugurado, mesmo que com impertinências metodológicas, os alicerces para se pensar em uma psicanálise da cultura ou da sociedade, e finaliza defendendo que

No entanto, parece-me urgente, por outro lado, elaborar uma metodologia psicanalítica heurística, que os psicanalistas grupais iniciaram, por outro lado, para combinar, no quadro de uma colaboração pluri e interdisciplinar, a abordagem psicanalítica (individual e grupal) para abordagens tanto históricas como sociológicas, antropológicas e linguísticas, na perspectiva de uma investigação genuinamente pertinente e fecunda da complexidade dessa realidade humana (Smadja, 2016, p. 180)

Que Freud tenha criado uma base teórica para se pensar a cultura a partir de impertinências metodológicas não minimiza o fato de que, ainda assim, o fez. É preciso pontuar que mesmo atravessado pelos fenômenos culturais e artísticos, Freud ainda era um médico neurologista, e que percorria a ideia de uma certa cura ou solução, guiado, muitas vezes, por um ideal positivista. Não à toa diversas vezes encontramos o funcionamento que Smadja pontua em Freud, de que seria de uma mera transposição de um psiquismo individual para um coletivo. O *médico* Freud percorria uma verdade correspondente, de que uma coisa precisaria estar de alguma forma ligada a outra. Não obstante, a metapsicologia sofreu tantas reformulações após os impasses clínicos que o levaram a formular o conceito de pulsão de morte, cuja principal característica seria a de um retorno que opera contra o próprio bem do sujeito, o que questionaria todo o ideal médico de cura e a convicção de que o psiquismo sempre trabalharia a seu favor, questionando, dessa forma, um ideal positivista de se olhar para o funcionamento mental do homem. O homem da razão e do bem estava morto com a concepção de pulsão de morte.

Também, por este motivo, trouxemos os textos *Totem e Tabu* (1913/1996bd) e *O Mal-estar na civilização* (1930/1996ai). No primeiro, ainda influenciado por uma verdade correspondente, embora o tenha organizado em uma verdade coerente,

buscou através de vários exemplos e correspondências entre eles para achar uma *verdade*, como em um certo jogo de causa e efeito; entre os ditos selvagens e os contemporâneos, o que haveria em um que ainda corresponderia no outro. Enquanto no segundo texto, já munido do conceito de pulsão de morte e declinado da sua posição de médico positivista, encara a problemática do sujeito no mundo enquanto uma equação não exata, em que há sempre um resto marcado por um Mal-estar, que não há cura, apenas modos paliativos de se lidar. O que ambos os textos guardam de semelhança é que se constituem enquanto pragmáticos em uma psicanálise que busca alimentar os debates sociopolíticos. Mas não só: eles acompanham a clínica de consultório do pai da psicanálise. Não há *Psicanálise Aplicada*, no sentido freudiano, sem uma psicanálise clínica de consultório, e vice e versa. Ambas se retroalimentaram durante toda a produção teórica do austríaco, antes mesmo até de se pensar em uma psicanálise propriamente dita, mas quando ele ainda estava estritamente no campo médico ou psicológico, como nos alertou Mezan (1985) de que a investigação cultural já estava sendo feita.

Essa modalidade de análise que chamamos de Psicanálise Aplicada se apresenta enquanto uma dimensão clínica da psicanálise que se propõe a analisar — mesmo que às vezes com impertinências e correndo o risco de cair em uma violência interpretativa — fenômenos exteriores à vida psíquica do sujeito em um consultório. É preciso lembrar que uma psicanálise de consultório também não está a salvo de cair em uma selvageria...

2.4 A psicanálise aplicada de Leonardo a Moisés

No livro *Literacura: Psicanálise como forma literária*, Fernanda Sofio (2015, p. 39-40), ao estudar sobre a relação entre psicanálise e literatura, pontua que:

Há que se destacar, considerados esses aspectos da obra freudiana, a existência de, por assim dizer, “Dois Freud”³. Um interpretativo, que persegue o método psicanalítico em seus textos, e outro que descreve conhecimentos já obtidos anteriormente, não produzindo novas

³ A autora credita essa ideia a uma discussão oral proferida por Maria da Penha Zabani Lanzoni, em que esta teria citado Isaías Melsohn como autor. Porém, alega não ter encontrado referências (Sofio, 2015, p. 39-40).

interpretações ou mesmo “aplicando” conhecimentos externos a uma dada experiência.

Essa frase condensa uma expressiva controvérsia que circunscreve os textos ditos de Psicanálise Aplicada do criador da psicanálise, na medida em que eles não comportam apenas uma modalidade de se utilizar a aplicação da teoria e/ou do método.

Seguindo pelos textos de estudos estéticos do autor, tem-se como referências dois ensaios importantes: O de *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910/1996x) e *O Moisés de Michelangelo* (1914/1996aj). Embora o primeiro tenha sido a primeira grande biografia escrita pelo autor (e também a última) de forma a aplicar a psicanálise, tal método já havia sido utilizado em menor escala em textos sobre a vida de outros artistas (Strachey, 1910/1996a, p. 69-72), demonstrando, assim, que o interesse de Freud em relação a aplicação também passava pela vida pessoal de artistas, e não apenas de suas obras.

Desde o seu lançamento, o texto sobre Da Vinci recebeu duras críticas, embora, de início, elas não tenham se voltado ao ponto crucial: um erro de tradução de Freud, ao considerar *nibio*, que significaria milhafre, como abutre⁴ (Strachey, 1996a, p. 69-72). Ambas são aves de rapina, mas bastante diferentes entre si e, sobretudo, que carregam significados distintos. Tal equívoco de tradução desencadeou interpretações que não seriam possíveis de outra maneira, na medida em que a imagem do abutre remete à representação materna nos hieróglifos egípcios. O desenrolar desse equívoco será explorado na análise que se segue.

Freud inicia a análise de Da Vinci a partir de uma lembrança de infância que tem sobre um determinado pássaro:

Parece que já era meu destino preocupar-me tão profundamente com abutres: pois guardo como uma das minhas primeiras recordações que estando em meu berço, um abutre desceu sobre mim, abriu-me a boca com sua cauda e com ela fustigou-me repetidas vezes os lábios (Freud, 1910/1996x, p. 90)

⁴ Abutre vem da tradução de *vulture*, em inglês, que, por sua vez, vem do alemão *geier*, tradução utilizada por Freud (Strachey, 1910/1996a, p. 69-72).

Ao entender Da Vinci enquanto um homem interessado pelas diversas áreas do conhecimento, Freud supôs que ele havia tido familiaridade com a fábula do abutre, utilizada enquanto representação da mãe pelos egípcios, mesmo que o primeiro a ter decifrado os hieróglifos tenha sido François Champollion, que viveu entre 1770-1832. Essa suposição, que o próprio Freud (p. 96) admite ter sido absurda anteriormente, agora, para ele, se tornava factível.

A partir de outras suposições, Freud (p. 97-98) chega à reconstrução da fantasia de Leonardo da Vinci a partir da hipótese de que:

Ele provavelmente teria lido em algum compêndio de história natural ou num livro de algum Padre a afirmação de que todos os abutres eram fêmeas e podiam reproduzir-se sem ajuda de qualquer macho; nessa altura ocorreu-lhe uma lembrança que se transformou na fantasia que estamos analisando mas que, na verdade, significava que ele também havia sido uma tal cria de abutre – tinha mãe mas não tinha pai. E essa lembrança se associava – na única maneira que impressões de idade tão distante se podem manifestar – com a reminiscência que podia substituir do prazer que teria sentido sugando o seio da mãe. A insinuação feita pelos Padres da Igreja relativamente à Virgem Sagrada e seu filho – Idéia essa cara a todos os artistas – deve ter influído para valorizar sua fantasia e torná-la ainda mais importante. Deste modo podia identificar-se, ele próprio, com o menino Jesus, o salvador e consolador de todos, e não de uma única mulher [...] No caso de Leonardo, acreditamos conhecer agora o significado real da fantasia: a substituição de sua mãe pelo abutre indica que a criança tinha conhecimento da ausência do pai e se sentia solitário junto à sua mãe [...] É nesse ponto que a interpretação da fantasia do abutre interfere: ela parece querer contar-nos que Leonardo passou os primeiros e decisivos anos de sua vida, não ao lado do pai ou da madrasta, mas sim com a sua verdadeira mãe, pobre e abandonada.

É importante notar que, mesmo após o erro de tradução, Freud chega a tal desenrolar a partir de suposições; não à toa tal texto é rodeado de palavras como “provavelmente”. Para chegar à conclusão supracitada, ele teve que hipotetizar que Da Vinci tinha conhecimento da simbologia que envolve um abutre, hipótese difícil de ser comprovada, já que o deciframento dos hieróglifos egípcios só seria feito após a sua morte.

Seguindo suas investigações, Freud se debruça sobre a sexualidade do artista, ainda tomando *nibio* enquanto *abutre* e munido das teorias psicanalíticas desenvolvidas até então, sobretudo no que diz respeito à homossexualidade. Parte sua análise do encapsulamento da cauda do abutre, presente na fantasia infantil de

Da Vinci, justificando essa escolha a partir de escritos do próprio artista: “Isso foi numa época em que a minha curiosidade afetuosa era toda dirigida à minha mãe, e que eu pensava ter ela um órgão genital igual ao meu”, (Freud, 1910/1996x, p. 104) e complementa com o fato de que Da Vinci transformou o ato de mamar no seio da mãe em ser amamentando, ou seja, em uma passividade, traço fundamental da homossexualidade. A partir das ideias apresentadas, o psicanalista coloca que a gênese da homossexualidade se deu por um recalque do amor que o filho sente pela mãe, e esse amor recalcado daria lugar a uma identificação da criança com a mãe, uma vez que não haveria uma figura paterna forte para se identificar. Assim, toma a si próprio como modelo de objeto de desejo, ao incorrer num retorno ao autoerotismo, pois o interesse por meninos na vida adulta se daria por substituição ao menino que ele fora enquanto amado pela mãe, na infância (p. 106). Ao entender Leonardo a partir dessa sexuação, Freud coloca que o artista não direcionou a sua libido, na vida adulta, à atividade sexual, mas ao interesse pelas diversas áreas do saber e pelas criações artísticas.

Pelos últimos capítulos que seguem, Freud passa a analisar não somente a vida em si do artista, mas esta a partir de suas obras. Toma a pintura de Mona Lisa (Da Vinci, 1503-1506) como objeto de investigação, em especial o seu sorriso, sorriso esse que se repete em obras de Da Vinci, tal qual em *A Virgem e o Menino com Santa Ana* (Da Vinci, 1513), autenticando, desse modo, uma marca em suas produções, e passa a explorar qual é o motivo do fascínio do pintor por esse gesto, chegando à conclusão de que esse singular sorriso seria aquele que o artista perdera para sempre, em sua tenra idade:

[...] as mulheres sorridentes nada mais seriam senão a reprodução de sua mãe Catarina, e começamos a suspeitar a possibilidade de que este misterioso sorriso era o de sua mãe – sorriso que ele perdera e que muito o fascinou, quando novamente o encontrou na dama Florentina. (Freud, 1910/1996x, p. 118)

Após, explora o retrato *Sant'Anna* interpretando que ele o teria pintado a partir de reminiscências de sua infância, uma vez que o quadro conteria o resumo de sua história familiar, ao retratar o encontro que tivera com a sua boa madrasta Donna Albiera, e também com a sua avó Monna Lucia. Todo esse cenário poderia ter

influenciado o artista a pintar esse quadro, que expressa uma criança sendo vigiada pela mãe e pela avó. Outra evidência mais significativa, indica o psicanalista, é a de que Da Vinci teria dado ao menino, na verdade, duas mães, característica esta igual à de sua infância, posto que teve duas: a biológica, Catarina, de quem se separou entre os três e cinco anos de idade, e sua madrasta, que era boa e carinhosa para com ele. Somente a partir dessas combinações de sua infância é que se tornou possível que ele pintasse esse quadro — de acordo com as análises de Freud.

Figura 1 – Retrato de Sant’Ana com a Madona e o Menino, de Leonardo da Vinci



Fonte: Da Vinci (1513)

Figura 2 – Retrato de Mona Lisa, de Leonardo da Vinci



Fonte: Da Vinci (1503-1506)

Não cabe, aqui, debater a veracidade das teorias a que Freud chegou a partir de suas suposições e interpretações, mas de entender o modo como ele utilizou a psicanálise para chegar até elas e quais foram os possíveis ganhos teóricos para a própria metapsicologia. Como dito anteriormente, o autor parte de uma hipótese difícil de ser validada: não há garantias de que Da Vinci era um conhecedor da fábula do abutre, mesmo sendo ele um homem interessado pelas ciências de forma geral. Além disso, são comuns passagens nas quais o psicanalista utiliza da teoria de modo puramente instrumental, a exemplo de quando afirma que a homossexualidade de Leonardo seria derivada de sua forte identificação com a mãe na infância, dada a ausência de um pai para ocupar esse lugar identificatório. Ou

que o hábito do pintor de deixar as suas obras inacabadas seria uma repetição em relação ao pai que, por vezes, o abandonava. Ou até mesmo de que o sorriso expresso em suas pinturas seria uma reconstrução daquele que ele havia perdido eternamente.

Entre outras críticas, está a de que o texto corresponderia à pura aplicação da teoria psicanalítica, na medida em que a esta interpelaria o objeto analisado. Frayze-Pereira (2021) aponta para o fato de que, mesmo as teorias e conceitos psicanalíticos estando em pleno desenvolvimento à época em que o texto estava sendo escrito, isso não impediu as suas utilizações, o que coloca também esse texto como inaugural em um modo de trabalhar que se fortaleceria com o texto da análise da obra de Moisés.

O historiador da arte Shapiro (1956, *apud* Lopes, 2020), ao tirar o foco das interpretações de Freud, em uma conferência da Sociedade Psicanalítica de New York, critica a análise da vida de Leonardo da Vinci feita pelo austríaco, alegando que ela seria demasiadamente subjetivista, e que Freud não teria levado em consideração a polêmica religiosa que circundava a época em que a obra *A Virgem e o Menino com Santa Ana* foi feita, polêmica esta que estaria bastante representada nas obras dos antecessores de Da Vinci. Assim dizendo, o historiador parte do princípio de que haveria um fato histórico — a polêmica religiosa citada —, que atravessaria as produções artísticas de Da Vinci e que interrogaria a hipótese subjetivista de Freud.

Mesmo com todas as críticas direcionadas a esse ensaio, Freud parecia ignorá-las e o tomava como “a única coisa bela que escrevi”. Que o ensaio é passível de críticas, não há dúvidas, mas também não há dúvidas de suas contribuições no campo psicanalítico. Como bem alegou Frayze-Pereira (2021), era um momento em que os conceitos estavam em pleno desenvolvimento, e esse ensaio pôde permitir que Freud os desenvolvesse, mesmo que não fosse esta a sua ambição.

À vista disso, podemos citar o conceito de sublimação, que ganha força com esse ensaio, uma vez que Freud exemplifica, durante todo o percurso que faz em

sua biografia, o quanto a pulsão sexual de Leonardo fora desviada para o campo do saber e da criação artística. Ao discorrer sobre a homossexualidade, retoma a sexualidade infantil descrita em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905/1996be) e em suas modalidades de organizações que culminam em uma homossexualidade, colocando o autoerotismo no centro do jogo. Aqui, discorre pela primeira vez sobre o *narcisismo* (Roudinesco; Plon, 1997, p. 467-471): “Encontram seus objetos de amor segundo o modelo do narcisismo, pois Narciso, segundo a lenda grega, era um jovem que preferia sua própria imagem a qualquer outra” (Freud, 1910/1996x, p. 106). Em 1914, apenas quatro anos depois, Freud publica *Sobre o narcisismo: Uma introdução* (Freud, 1914/1996bc), um de seus textos mais importantes e que eleva o *narcisismo* a estatuto de conceito dentro da metapsicologia, além de servir como propulsor para que o psicanalista pudesse construir a sua segunda tópica.

Ademais, Freud também traz elementos sobre a neurose obsessiva, ao indicar um modo de funcionamento de Da Vinci que seria a partir da supressão ou deslocamento do afeto, forte característica dessa estruturação psíquica, ao expor a relação que Da Vinci teve com o pai: “Para Leonardo, o reflexo de sua identificação com o pai foi prejudicial para sua pintura. Criava a obra de arte e depois dela se desinteressou, do mesmo modo que seu pai se desinteressou por ele” (Freud, 1910/1996x, p. 127).

Dessa mesma relação com o pai, o psicanalista também coloca a questão religiosa:

Quando alguém, como aconteceu com Leonardo, escapa a intimidação pelo pai durante a primeira infância e rompe as amarras da autoridade em suas pesquisas, muito nos admiraríamos se continuasse sendo um crente, incapaz de se desfazer dos dogmas religiosos. A psicanálise tornou conhecida a íntima conexão existente entre o complexo do pai e a crença em Deus [...] O caso de Leonardo não parece desmentir este ponto de vista relativo à religião. (Freud, 1910/1996x, p. 128).

Essa colocação de Freud indica que a ousadia e independência de Da Vinci se deram por uma não inibição por parte do pai em sua infância de suas pesquisas sexuais infantis, e que estas o teriam acompanhado a sua vida adulta, porém

excluindo o elemento sexual. Ademais, é sabido que a questão religiosa do homem viria a ser mais bem trabalhada em seu posterior texto *O futuro de uma ilusão* (1927/1996af).

Se no texto sobre Leonardo Freud partiu da ambição de biografar o artista por meio de uma lembrança, e para isso usou o arsenal teórico da psicanálise, em *Moisés de Michelangelo* (1914/1996aj) parte de uma inquietação pessoal ao observar a obra de Michelangelo, e não por uma curiosidade sobre a sua vida. Embora, no início do desse texto, Freud (p. 223) admita que o que prenderia tão fortemente um psicanalista seria *compreender* a intenção do artista em sua produção, visto que a obra sempre guarda uma dimensão interpretável.

Quanto à escultura de Moisés, Freud se sentia intrigado pelo efeito que ela causava nele, guardando um interesse antigo a respeito, e sendo esta a obra que mais lhe causava fascínio, ainda mais pelas numerosas interpretações que havia sobre ela (Mendes, 2005). E pergunta-se: “Teria então a mão do mestre realmente traçado na pedra uma mensagem tão vaga que torna possível tantas leituras diferentes dela?” (Freud, 1914/1996aj, p. 227). Viu-a em 1901, em visita a Roma, e em diversas outras ocasiões posteriores. Escreveu o artigo em 1913 e o publicou na revista *Imago* creditando a “de***”, e tendo mantido o anonimato até 1924, quando foi descoberta a sua verdadeira autoria (Strachey, 1914/1996b, p. 221). O anonimato da autoria da obra talvez possa ser entendido já nas primeiras linhas do texto, quando o autor (Freud, 1914/1996aj, p. 223) se apresenta enquanto um leigo no que diz respeito às artes, e alega ser incapaz de analisar uma obra a partir de seus critérios técnicos. Faz essa confissão para se assegurar de possíveis críticas que o ensaio possa receber e mostrando, dessa forma, que para o próprio Freud compunha um modo inaugural de se pensar um determinado objeto.

Figura 3 – A estátua de Moisés, de Michelangelo



Fonte: Michelangelo (1513-1515)

No ensaio, Freud confessa obter um certo prazer com o processo de desvendar uma obra e suas motivações, fazendo isso com alguma frequência. A música, que Freud julgava abstrata demais, não proporcionava o mesmo prazer que outros tipos de produções. A escultura de Moisés o cativava de tal forma que admite (Freud, 1914/1996aj, p. 225) ter sido tocado por ela diversas vezes:

[...] nunca uma peça de estatuária me causou impressão mais forte do que ela. Quantas vezes subi os íngremes degraus que levam do desgraçoso Corso Cavour à solitária *piazza* em que se ergue a igreja abandonada e tentei suportar o irado desprezo do olhar do Herói! As vezes saí tímida e cuidadosamente da semi-obscuridade do interior como se eu próprio pertencesse à turba sobre a qual seus olhos estão voltados – a turba que não pode prender-se a nenhuma convicção, que não tem nem fé nem paciência e que se rejubila ao reconquistar seus ilusórios ídolos.

Quanto à escultura, Moisés é representado sentado, com o corpo para frente; a cabeça, com a grandiosa barba, olha para a esquerda; o pé direito toca o solo e a perna esquerda se acha levantada de maneira que somente os artelhos chegam ao chão. O braço direito segura as Tábuas da Lei junto a uma parte da barba e o esquerdo descansa sobre o seu colo.

Diferentemente de outros críticos que trouxeram diversas interpretações à obra, Freud se atenta à mão direita de Moisés e à posição das duas tábuas das leis (Freud, 1914/1996aj, p. 233), alegando que esses detalhes carecem de mais atenção, sobretudo sobre o que os dedos da mão direita estão fazendo em contato com a pujante barba, “não se pode negar que apertar a própria barba com um só dedo é um gesto fora do comum, um gesto que não é fácil de entender” (p. 235). Assim, o psicanalista inicia uma análise minuciosa desses *detalhes*, explorando os movimentos que Moisés teria realizado para que alcançasse a posição descrita acima, chegando ao desenlace de que as tábuas estariam de cabeça para baixo devido a um movimento anterior da mão direita, em que Moisés, que seguia sentado, carregava as tábuas perpendicularmente ao braço direito, e essa mão segurava a borda inferior delas e se apoiava na saliência que havia na sua parte de trás, o que, segundo Freud, seria explicado pelo fato de ser mais fácil de carregá-las nessa posição. Depois, a calma de Moisés fora interrompida por um tumulto e:

Voltou a cabeça na direção deste e, ao ver o espetáculo, levantou o pé num movimento preparatório para levantar-se, a mão abandonou as tábuas precipitando-se para a esquerda e para cima, barba a dentro, como para voltar a sua violência contra o próprio corpo. As tábuas ficaram então entregues à pressão do braço, que teve de apertá-las contra o lado do corpo. Mas esse apoio não foi suficiente e elas começaram a deslizar para a frente e para baixo. A borda superior, que fora segurada horizontalmente, começou então a voltar-se para a frente e para baixo; e a borda inferior, privada de seu apoio, aproximou-se do assento de pedra com sua quina frontal. Mais um instante e as Tábuas teriam girado sobre esse novo ponto de apoio, atingindo o solo com a borda de cima em primeiro lugar e se despedaçando. Foi para impedir isto que a mão direita retornou, deixou escapar a barba, uma parte da qual foi com ela trazida de volta sem intenção, encontrou a borda superior das Tábuas a tempo e segurou-as perto da quina traseira, que agora havia se tornado a mais elevada. Dessa maneira, o ar singularmente forçado do conjunto – barba, mão e Tábuas inclinadas – pode ser atribuído àquele apaixonado movimento da mão e suas naturais consequências. (Freud, 1914/1996aj, p. 238-239)

A partir dessa análise, Freud subverte leituras realizadas até então, em que críticos afirmavam que a estátua se propunha a representar o Moisés em fúria, prestes a se levantar, alegando que, na verdade o Moisés reconstruído por ele é o resto de um movimento que já fora realizado (Freud, 1914/1996aj, p. 241). Porém, tal interpretação afastaria o Moisés da estátua do Moisés representado na bíblia, porque o segundo era dotado de um temperamento impetuoso, tomado por crises de ira e teria jogado longe as Tábuas, ocasionando a sua quebra, enquanto o primeiro conteve a sua própria ira e as segurou. O motivo de Michelangelo tê-lo representado dessa forma se deve à sua relação com o Papa Júlio II, cuja escultura guarda seu túmulo, pois este seria um homem nobre embora se utilizasse de meios violentos para chegar a seus ideais; conseqüentemente, Michelangelo esculpiu a sua obra “não sem uma censura ao pontífice morto, mas também como uma advertência a si próprio, elevando-se, pois, através da autocrítica, a um nível superior à sua própria natureza” (Freud, 1914/1996aj, p. 244).

Novamente, não pretendemos aqui discutir a veracidade da interpretação freudiana, mas sim a modalidade de análise que foi utilizada para chegar a tal conclusão. É interessante que ao final do texto, quase que como um complemento ao pedido de indulgência que faz ao leitor no início, Freud se questiona se não teria escolhido um caminho errado, ao tomar como objeto de análise um *detalhe* apenas, detalhe este que poderia passar por despercebido pelo artista que cria a obra. Porém, é justamente por se deixar convocar por esse traço que Freud pôde iniciar a sua análise da obra, deixando que ela falasse através do que lhe causava⁵. Diferentemente da análise que Freud faz dos sorrisos presentes nas pinturas de Da Vinci, em que busca descobrir as motivações inconscientes que levaram o artista a pintar esse mesmo traço diversas vezes, aqui o psicanalista se atém ao que a obra tem por dizer, como se esta fosse dotada de uma historicidade, a tornando viva, dessa forma.

Um outro ponto de divergência é a ausência de conceitos psicanalíticos empregados por Freud, tanto para realizar a leitura da obra quanto para atestar a

⁵ Ver p. 79, sobre o conceito de Psicanálise Implicada de Frayze-Pereira.

validade dos mesmos. Porém tal fato não invalida a pertinência do ensaio à própria psicanálise. Com a sua análise, o austríaco demonstra como o Moisés da escultura, diferentemente do da bíblia, é capaz de transformar um afeto de ódio e seus impulsos vingativos em um ato civilizatório, priorizando o laço social (Rocha, 2012), questão esta que viria a ser tema de debate em textos futuros, sobretudo em *O Mal-estar na civilização* (1930/1996a).

É notório que Freud não parte dos mesmos princípios analíticos para trabalhar os dois textos, embora eles não sejam excludentes. Além disso, no primeiro se mostrou mais ousado, enquanto no segundo guardava uma certa timidez em suas descobertas. É claro também que a ânsia de Freud em analisar a biografia de Leonardo da Vinci deu-se por uma admiração sobre a sua vida, enquanto no segundo ensaio a sua admiração estava voltada, principalmente, à escultura.

A escolha por esses dois textos supracitados foi feita por estarem em um mesmo campo — o das artes — e por guardarem entre eles apenas quatro anos de diferença, sendo que toda a obra de Freud (contabilizando as pré-psicanalíticas) é desenvolvida em mais de quatro décadas. Poderiam outros textos serem escolhidos para a análise, uma vez que a gama de produções tidas como *Psicanálise Aplicada* é extensa em Freud, e guardam singularidades no modo como o austríaco utilizava o arsenal teórico, ou como visitava outros campos a fim de validar hipóteses ou emprestar ideias. Também, como coloca Frayze-Pereira (2021), Freud teria iniciado ainda no ensaio de Leonardo o que viria a ser chamado por ele de *Psicanálise Implicada*, que se consolidaria no ensaio escrito sobre a obra de Michelangelo, evidenciando o caráter paradigmático de ambos os textos no que diz respeito a uma psicanálise que busca pensar as expressões estéticas, marcando, à vista disto, uma mudança no modo de se pensar que ultrapassaria uma simples aplicação. É evidente que uma análise sistemática desses textos muito teria a contribuir com o avanço do imbricamento entre a psicanálise e outras áreas, mas não é o que propõe tal pesquisa.

Outrossim, uma análise entre os dois textos suprarreferidos já fora realizada anteriormente pelo psicanalista João Augusto Frayze-Pereira, em seu livro *Arte, Dor:*

Inquietudes entre Estética e Psicanálise (2006), no capítulo “A flutuação do olhar: Artes Plásticas e Psicanálise Implicada”, texto que se deu por resultado de anos de pesquisas entre o campo psicanalítico e o estético por parte do autor. Tal análise fora fundamental para que ele chegasse ao desenrolar do que se nomearia de *Psicanálise Implicada*, conceito que será elucidado posteriormente.

Ainda em relação a Frayze-Pereira, mais adiante será realizado um recorte de um conceito criado por ele a partir da ideia de aplicação.

2.5 Uma psicanálise ética-estética

É difícil imaginar se haveria um saber psicanalítico sem as expressões artísticas, sobretudo, a literatura. A História de vida de Freud muitas vezes se entrelaça a sua produção teórica — como já citado neste trabalho. Freud foi um homem fortemente influenciado pela produção cultural de sua época e prévia. Apaixonado por literatura clássica, teve em obras de Shakespeare e Sófocles uma extensa gama de conteúdos para se pensar o funcionamento psíquico. Os mitos, os romances, os folclores, guardavam um local especial nos aprendizados do austríaco (Teixeira, 2005). Ademais, a sua própria escrita oscilava por um estilo médico, mas também poético e de prosa. Freud apreciava conversar com seus leitores por intermédio de seus textos. Contava e recontava a história de pacientes afim de expor suas teorias. Por fim, sem as artes, talvez houvesse um saber que se dedicasse a explorar a vida inconsciente das pessoas, mas, sem sombra de dúvidas, não teria toda a riqueza material que há na psicanálise.

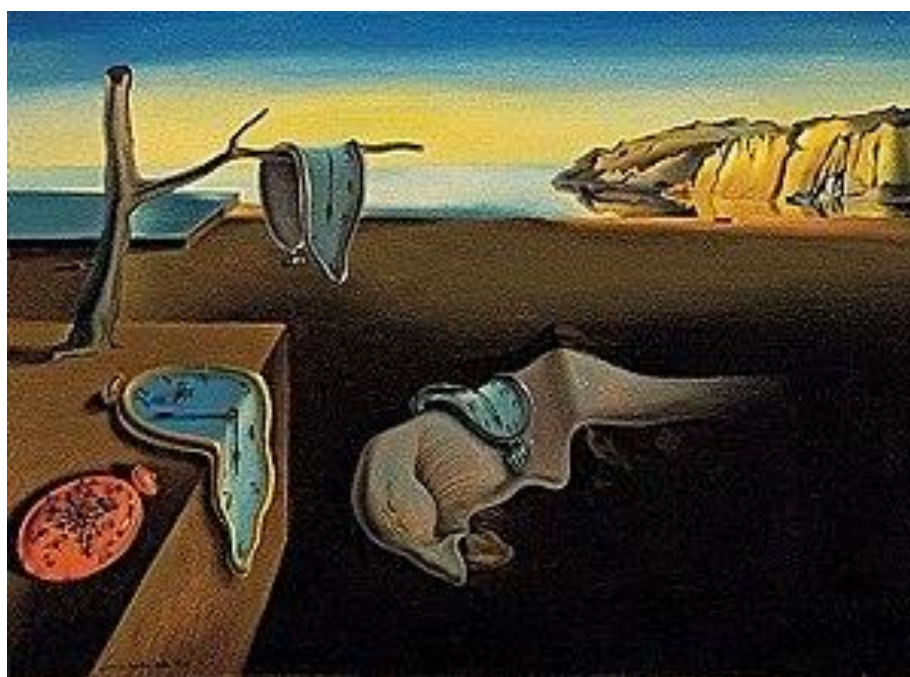
Campo de investigação profícuo, não foram poucos os psicanalistas que se debruçaram a estudar a possível relação entre as artes e a psicanálise. Por outro lado, diversos artistas usufruíram do saber psicanalítico afim de enriquecer as suas produções. Como exemplo, podemos citar o movimento *surrealista*, que teve como expoentes o escritor e poeta André Breton, os pintores Salvador Dali, René Magritte e Max Ernst. É sabido que Dali guardava uma grande admiração por Freud, o tendo conhecido em seu exílio na Inglaterra (Capelozza; Campos, 2020). O movimento surrealista tencionava expor uma arte que fosse para além da realidade concreta,

“objetivava a produção de uma arte inconsciente” (p. 15), e para isso emprestou movimentos como o deslocamento e condensação, essencialmente presentes nas formações oníricas, para as suas obras:

Um aspecto que merece destaque é que o surrealismo apresenta uma estética com aspectos tecnicamente fiéis à realidade em conjunto com conteúdos que a transcende. Em outras palavras, as pinturas surrealistas apresentam uma nitidez quase fotográfica, não abstrata e, ainda assim, nada realista. Do mesmo modo que a lógica, a fronteira entre a realidade e o fantástico é dissolvida. Os artistas se utilizam de elementos da realidade, condensados e deslocados com outros, compondo uma espécie de sensação de estranheza. (Capelozza; Campos, 2020, p. 17)

No campo da psicanálise não foi diferente. Enquanto alguns teóricos se voltaram a analisar as expressões artísticas a partir do arcabouço teórico da psicanálise, outros se dedicaram a estudar a relação entre estética e psicanálise. Aqui, nos ateremos ao segundo grupo.

Figura 4 – A persistência da memória, de Salvador Dali



Fonte: Salvador Dali (1931)

Figura 5 – Ceci n'est pas une pipe, de René Magritte



Fonte: René Magritte (1929)

Teixeira (2005) parte da consideração da existência de duas construções narrativas em Freud e que

[...] ele opta por privilegiar uma leitura do texto psicanalítico, que focaliza a “escrita do sintoma” em detrimento do esforço de elaboração e explicação metapsicológicos que buscam acompanhar os postulados da ciência. É o contar..., o contar das históricas e sobre as históricas que marcam a história, também contada por Freud, da psicanálise. Seria na verdade um romance do sintoma sobre o qual a psicanálise apóia-se e se funda. (p. 116)

Nesse sentido, para Teixeira (2005), quando Freud formula um relato clínico sustentado com as hipóteses metapsicológicas, marca uma novidade no modo de se fazer.

Para além do estilo de escrita freudiana, a autora se põe a debater quais seriam as influências da literatura na criação da psicanálise. A vista disso, identifica que a relação de Freud com a literatura se fez de “modo paradoxal” (p. 119), às vezes servindo como modelo, às vezes como adversária. De qualquer forma, a literatura e os mitos serviram de um lugar em que Freud podia testar e justificar a

sua teoria, além de salvar a psicanálise de ser retida pelo campo da psicopatologia, e colocando-a, também, enquanto uma “teoria geral do psiquismo e um devir humanos” (p. 128). Ademais, tanto a literatura quanto a psicanálise têm como base o trabalho com a linguagem que

[...] constituindo duas formas de intersubjetividade que inauguram, a cada ato, uma ética do dizer... Portanto, a descoberta freudiana revela não apenas a existência da realidade psíquica como diferente da material, mas o caráter fundamentalmente inconsciente daquela. (Teixeira, 2005, p. 128)

Além disso, a criação de Freud tem em sua originalidade o fato de mostrar uma realidade psíquica de ordem inconsciente, guiada por pulsões e desejos, o que refuta a lógica iluminista que acreditava que o homem era um ser guiado pelas suas razões e consciência. Apesar de que “não há, nessa perspectiva de compreensão do homem, espaço para o que escapa de uma apreensão racional” (Teixeira, 2005, p. 28). Nesse sentido, a psicanálise, mais do que tentar interpretar a literatura, se beneficiou desta para avançar e construir a sua teoria, o que a coloca mais próxima do campo da ética e da estética do que da ciência positivista (Teixeira, 2005).

Ainda na esfera da literatura, Sofio (2015) retoma a ideia de Fabio Herrmann de uma teoria do análogo, em que cada saber teria um campo análogo ao seu; assim como a física teorizaria a partir do análogo da matemática, a psicanálise teria como seu campo análogo o da literatura de ficção: “é a ela que o psicanalista se reporta para produzir clínica e, subsequentemente, teoria” (p. 24). Mas, diferentemente da literatura, Sofio (p. 24) — novamente ancorada na Teoria dos Campos — confirma que a psicanálise não se faz por acúmulo, mas por interpretação. O que levaria ao fato de que é a partir do método que a psicanálise constrói o seu saber, mas ela se organiza a partir de uma estética, onde “sua forma é literária” (p. 34). Exemplifica com Freud, alegando que ele sempre fora fiel ao método psicanalítico, que permitia a emersão do novo em sua teoria. E seriam justamente essas emersões que culminariam em novas teorias, que se estruturariam em formas literárias. Ademais, Sofio (2015) retorna à pergunta que Freud faz em 1909, de como os poetas chegariam ao mesmo desenlace que os médicos

psicanalistas, e coloca como resposta que tanto os poetas quanto os psicanalistas chegariam a um determinado conhecimento pela via da interpretação.

Aqui, pensando com o auxílio de Teixeira (2005) e Sofio (2015), a psicanálise de Freud continha traços estéticos e estava inserida em uma estética. Sua principal função, a investigação psicanalítica dos processos mentais inconscientes, seria realizada por meio do método psicanalítico, que usaria de algumas de suas técnicas — associação livre e atenção flutuante —, para chegar à vida não consciente do sujeito. Essa aplicação do método resultaria em uma nova teoria, que seria *contada* por meio de *narrativas*, se organizando como forma literária.

Birman (1993) sustenta a ideia de que uma análise vai no sentido de dar ao sujeito uma produção de *estilo*. Mas, para isso, ela precisaria reconhecer que o ideal de cura *médica* fracassou. É claro que a psicanálise poderia produzir mudanças no funcionamento psíquico, mas essa mudança não seria de ordem terapêutica propriamente dita, e sim de ordem estética e ética. Ao abraçar essas proposições, o autor defende que a psicanálise não estaria inscrita no discurso científico, mas que se aproximaria dos campos da estética e da ética:

[...] descartar a perspectiva teórica da cura pela psicanálise e formular, ao mesmo tempo, a proposta de construção de um estilo para o sujeito implica enunciar que o discurso psicanalítico não é fundado na causalidade e na cientificidade. (Birman, 1993, p. 3)

Se no campo da ciência pretende-se um discurso universalizante, pensar em produção de estilo recorreria àquilo que é próprio do sujeito: sua singularidade. O estilo é justamente aquilo que demarca *um* de *outro*. E esse seria o caminho final de uma análise. Mas, para isso, a psicanálise se fundaria em dois eixos: ético e estético, como citado anteriormente. O primeiro se fundaria na necessidade do indivíduo de se deparar com a castração e a proibição do incesto; no segundo, na ideia de que o sujeito se faz e se refaz pela economia do narcisismo, o que também colocaria um limite na produção inconsciente (Birman, 1993).

É evidente que no artigo citado Birman se refere à psicanálise enquanto uma prática clínica de consultório, onde haveria um sujeito disposto a falar sobre as suas mazelas de vida, e um analista posto a escutar abastado de seu saber psicanalítico,

e, se bem conduzido, o trabalho de análise resultaria em uma produção de estilo por parte do analisante, o levando a um saber fazer com o seu sintoma, e não a uma cura no sentido de voltar à condição anterior à doença. O que também nos levaria à ocorrência de que, assim como em uma psicanálise que busca se imbricar de alguma forma às expressões estéticas, a psicanálise de consultório também comporta uma dimensão *ética* e *estética*.

3 DA APLICAÇÃO À IMPLICAÇÃO

A palavra *aplicada* designa a ideia de uma interpelação ou “Que se conseguiu aplicar; que foi colocado em; posto ou sobreposto” (Aplicado, 2023), enquanto a palavra *implificada* significa “incursa, entrelaçada, envolvida, implexa, subentendida, unida” (Implicado, 2023). Porquanto, a primeira palavra atribui um apagamento de uma teoria em detrimento da outra: uma vez que algo é colocado em cima, sobreposto, o que está por baixo fica apagado ou escondido. O que nos levaria, novamente, a pensar no termo *aplicação*, *ipsis litteris*, enquanto uma psicanálise selvagem.

Não ao acaso, autores contemporâneos preferem pensar em uma psicanálise que trabalhe a partir de uma dialética entre dois saberes, em que nenhum deles pretenda um apagamento do outro, mas, sim, uma troca. Nesse sentido, dois professores da Universidade de São Paulo, ambos do Instituto de Psicologia, João Augusto Frayze-Pereira e Miriam Debieux Rosa, trabalharam com a ideia de *implicação*, embora em campos diferentes; enquanto o primeiro se dedica aos estudos das artes, a segunda se debruça a pensar os sujeitos em condições sociopolíticas precárias.

Mesmo fazendo parte da mesma instituição de ensino, o curioso é que nenhum dos dois transita pela ideia do outro. A partir de uma pesquisa no currículo Lattes de cada um, é possível verificar que não há trabalhos em conjunto.

3.1 A Psicanálise Implificada de Debieux Rosa

Trazemos como modelo a *Psicanálise Implificada ou clínico-política* utilizada, sobretudo, pela psicanalista Miriam Debieux Rosa, tendo como dois exemplos os artigos *Psicanálise Implificada: Vicissitudes das práticas clínico-políticas* (Rosa, 2012) e *Clínica psicanalítica implicada: conexões com a cultura, a sociedade e a política* (Braga; Estevan; Rosa, 2017). Diferentemente da Psicanálise Implificada de Frayze-Pereira, que visa a pensar as articulações entre psicanálise e estética, a utilizada por Miriam Debieux Rosa tenciona implicar o social e o cultural na clínica psicanalítica:

A articulação sujeito e enlaçamento social e político lança-nos na discussão da relação entre psicanálise dita em extensão ou psicanálise aplicada fora da clínica, dado que se beneficia também das contribuições dos autores da sociologia e da política. No entanto, a perspectiva que apresentamos neste trabalho, é de que nos mantemos na esfera da clínica pois política e sociedade são termos que relançam e explicitam a articulação da constituição subjetiva com o desejo, o gozo e a dimensão dos laços sociais como laços discursivos. Assim entendemos esta prática não tanto como psicanálise aplicada mas como psicanálise implicada, ou seja, aquela constituída pela escuta dos sujeitos situados precariamente no campo social que permite teorizações sobre os modos como são capturados e enredados pela maquinaria do poder. (Rosa, 2012, p. 2)

De acordo com a citação, entende-se que, para a autora, a Psicanálise Implicada guardaria como diferença da aplicação o fato de ser uma prática clínica, e aqui, por clínica, considera-se a escuta de um *sujeito que fala*, e estando esse sujeito acometido pelas diversas precariedades sociais, ou seja, como alega a autora, há uma dimensão sóciopolítica do sofrimento.

Nesse sentido, a Psicanálise Implicada se propõe enquanto um *método* (Alencar, 2011, p. 134-135) de escuta de indivíduos/grupos que estão assujeitados a discursos que rompem com a condição de sujeitos destes. Ou seja, indivíduos que se encontram em condição de vulnerabilidade social, como pessoas em situação de rua, imigrantes forçados, adolescentes em conflito com a lei, entre outros.

Dessa forma, também se trataria de uma clínica que *parte* de uma psicanálise aplicada, uma vez que busca contato com campos estrangeiros à psicanálise, embora Rosa busque uma diferenciação da aplicação, como descrito acima, ao colocar a implicação enquanto uma modalidade da *clínica* que leva em consideração os engendramentos dos sujeitos por situações precárias, introduzindo questões sociais e políticas no centro da subjetivação. Por *clínica*, Rosa refere-se à escuta psicanalítica desses sujeitos em sofrimento e da intervenção pela via do discurso, que, sobretudo, visaria a fazer com que estes pudessem se emancipar da servidão subjetiva e social que os interpela (Alencar, 2001).

3.2 A Psicanálise Implicada de Frayze-Pereira

João Augusto Frayze-Pereira dedicou a sua vida à docência, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, à psicanálise, sendo membro da

Sociedade Brasileira de Psicanálise, e aos estudos da Arte (Rea, 2009, p. 191). É no campo da reflexão estética que o autor postula a sua reformulação acerca da *Psicanálise Aplicada*, ao questionar esse modelo, hegemônico até então, que visava a pensar a obra de arte pelas teorias psicanalíticas, fazendo com que elas desaparecessem em prol dos conceitos psicanalíticos, o que não seria benéfico para nenhuma das duas áreas. Esse novo modelo o autor nomeia de Psicanálise Implicada.

Com efeito, trabalhando especificamente no campo das Artes Plásticas, a Psicanálise que exercitamos, compatível com a Arte, não é aplicada, mas *implicada*, isto é, derivada das artes ou engastada nelas, pois não é a forma a se aplicar à matéria exterior, não é um modelo que ajusta arbitrariamente o objeto artístico às suas exigências teórico-conceituais. A psicanálise, tal como a entendemos, não é mero instrumento de investigação da cultura, não é rede de noções aptas a atribuir sentido ao sensível. (Frayze-Pereira, 2006, p. 24)

A proposta da velha aplicação implicaria que o espectador, no lugar de analista da obra, causaria uma objetificação da mesma, podendo ocasionar uma “espécie de racionalização”, deduzindo saberes teóricos e fechando portas para novas interpretações possíveis (Dionísio, 2012, p. 148-149).

A partir de uma crítica à afixação da psicanálise pela escuta, que acaba por subjugar o olhar ao segundo lugar, Frayze-Pereira (2006, p. 70) denuncia a cegueira que pode acometer certos analistas ao analisarem uma obra de arte somente a partir de suas próprias interpretações, o que levaria a sintomatizar as expressões artísticas ou os seus autores, colocando sobre a obra conceitos psicanalíticos a fim de entendê-las. Tais interpretações resultariam quase sempre em uma psicanálise selvagem.

Ultrapassando o tão polêmico texto *Leonardo e uma lembrança de sua infância*, onde Freud teria feito uso da psicanálise aplicada, Frayze-Pereira (2006) cita *Moisés de Michelangelo* como exemplo de uma aproximação não-aplicada entre psicanálise e estética. Em tal texto, como dito anteriormente neste trabalho, o psicanalista austríaco confessa que as obras de arte têm sobre ele um poderoso efeito, e em especial a escultura de Michelangelo, relatando que se sente tocado por um *detalhe*: "a mão direita do personagem em conluio com a barba e com a posição

em que se encontram as tábuas da lei” (Dionísio, 2012, p. 150). Assim sendo, é justamente tomando em consideração essa inquietação, e não anulando-a, que Freud admite uma atenção flutuante, e uma espécie de "delírio" (Frayze-Pereira, 2006) por parte da escultura, buscando apreender o que há, na obra, que o causa. É a partir do que a obra suscita no espectador que a Psicanálise Implicada se torna factível, “na qual o espectador é destinatário das interrogações que a obra, como alteridade, propõe” (Rea, 2009, p. 192). Não se trata de uma interpelação do vocabulário psicanalítico para explicar ou tentar decifrar as criações artísticas, como propõe a Psicanálise Aplicada, mas uma implicação naquilo que se dá no “entre-dois” (Rea, 2009, p. 194), do mesmo modo como acontece na clínica de consultório, onde o analista não busca reduzir o analisando a determinados conceitos, mas trabalhar a partir da transferência suscitada pelo trabalho analítico.

Assim, o espectador deve suportar o lugar de analisando da obra de arte, cedendo à função de mero leitor de tal, na medida em que essa última retornaria à aplicação (Dionísio, 2012, p. 148-149), para que possa surgir “uma silenciosa abertura ao que não é nós e que em nós se faz dizer” (Frayze-Pereira, 2006, p. 24), o que remete à alteridade. Assim como Freud, ao se deixar tocar pela escultura de Michelangelo, para que algo nele, *estranho*⁶ até então, pudesse irromper e se tornar objeto de análise.

Apesar de ter sido desenvolvida visando pensar a relação entre psicanálise e estética, a implicação nos dá elementos para pensar outras formas de fenômenos sociais e culturais. Frayze-Pereira (2006, p. 63-62), ao discutir sobre a importância da análise do próprio inconsciente daquele que se propõe a analisar um outro, aponta que essa importância se faz necessária para aqueles que se implicam nas análises de obras de arte, mas também da cultura, dando espaço para pensarmos em uma Psicanálise Implicada nas mais diversas manifestações culturais e sociais.

⁶ A noção de *estranho* pode ser entendida como a ideia desenvolvida por Freud no texto *O estranho* (1919/1996ae), em que o autor expõe que algo que nos causa estranhamento é derivado de uma rejeição do eu, que retorna na forma de estranhamento, causando uma denegação.

4 A PARTIR DA PSICANÁLISE APLICADA

Se pensarmos que a partir do conceito de Psicanálise Aplicada ou do tensionamento de utilizar a psicanálise fora do seu *setting* tradicional e da psicopatologia, nasceram novos conceitos ou modalidades da clínica que visaram a pensar o sujeito emerso em condições sociopolíticas singulares ou de analisar as relações entre psicanálise e estética, cujos enquadramentos chamamos de categorias da Psicanálise Aplicada, que iriam da sociopolítica, a primeira, à ética-estética, a segunda. Também haveria aquelas que se propuseram a pensar em um caráter mais epistemológico do fora clínica. Nesse sentido, tomamos a Psicanálise Extramuros de Laplanche, que se coloca enquanto uma das *áreas* da psicanálise, e a Clínica Extensa de Hermann, que se apresenta enquanto uma possibilidade de retorno à potencialidade do método que havia em Freud, de acordo com o próprio autor. Também, expusemos o conceito de Interações da Psicanálise, de Mijolla-Mellor, que buscou um novo modo de interação entre psicanálise e expressões estéticas.

4.1 A Psicanálise Extramuros de Laplanche

Jean Laplanche se tornou internacionalmente conhecido pelo *Vocabulário da psicanálise* (1967/1998), escrito junto a Jean-Bertrand Pontalis, e pela coordenação das traduções das obras completas de Freud. Além disso, sua obra é marcada pela revisão dos conceitos psicanalíticos, sobretudo o de *sublimação* (Amaral, 2013, p. 27-28). Em seu livro *Novos fundamentos para a psicanálise* (1987/1992), Laplanche aponta para a necessidade de um retorno aos fundamentos para renová-los, e é nesse movimento de revisão e renovação que o autor elenca os “Quatro lugares da experiência psicanalítica” (p. 8), situando a *Psicanálise Extramuros* — ou *exportada* — como um de seus pilares, juntamente com a *clínica*, a *teoria* e a *História*, não apenas enquanto lugar, mas também como objeto de estudo da própria psicanálise.

Laplanche (1987/1992, p. 11) afirma utilizar o termo *extramuros* para se distinguir em relação à Psicanálise Aplicada, trazendo uma crítica pertinente a essa última, ao alegar que o termo *aplicação* remeteria a uma noção mecanicista das

produções psicanalíticas, como se elas pudessem ser simplesmente transportadas a outras áreas. À parte disso, o autor destaca a relevância que a Psicanálise Extramuros teve na obra freudiana, proporcionando ganhos teóricos a partir de obras como *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (Freud, 1910/1996x), *O caso Schreber* (ou *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia* [dementia paranoides], 1911/1996ac), *Moisés e o Monoteísmo* (Freud, 1939/1996z) e outras, alegando que esse tipo de abordagem nunca foi secundário, posto que “em Freud, onde verificamos não apenas sua importância quantitativa na obra, mas também sua fecundidade” (Laplanche, 1987/1992, p. 11). Mas não só em Freud, no próprio autor da Psicanálise Extramuros esta se mostra fecunda e profícua. Em seu livro *Problemáticas III – A sublimação* (1980/1989), Laplanche utiliza diversas vezes o caso de Leonardo e a análise de Freud a respeito para avançar em suas reformulações acerca do fenômeno da sublimação.

Ademais, faz uma importante separação nessa abordagem, a qual comportaria duas modalidades:

Um duplo aspecto de um mesmo movimento: com certeza o aspecto interpretativo, teórico, inclusive especulativo, mas também um aspecto real sobre o qual pouco se insistiu até agora. Por aspecto real entendo que a psicanálise, não apenas como pensamento e como doutrina, nas obras de psicanálise dita extramuros, mas como modo de ser, invade o cultural. A psicanálise é um imenso movimento cultural e, neste sentido, é o conjunto da psicanálise que se dirige para fora-dos-muros. (Laplanche, 1987/1992, p. 12)

Ou seja, o extramuro implica em pensar a psicanálise — enquanto teoria, método —, servida como instrumento de investigação, mas também pensar o homem psicanalítico, aquele que é marcado pela experiência psicanalítica enquanto cultura, e não apenas estudado por ela.

Campos (2013, p. 473), ao afirmar que “Uma verdadeira psicanálise aplicada deve ser aquela que produza efetivamente uma psicanálise extramuros”, deixando implícito que a Psicanálise Extramuros ultrapassaria a aplicação. Porém, não é raro encontrarmos artigos em que os termos são equivalentes, como é o caso do estudo de Ana Flávia Conde e Paulo José da Costa, nomeado *Perspectivas Metodológicas*

na investigação psicanalítica envolvendo mitologia: algumas discussões (2019) e o artigo *Psicanálise e acompanhamento terapêutico: Quando a cidade se torna o setting analítico da Psicose* (Morais; Neto, 2021), nos quais se faz uso do extramuros como forma de abordagem, porém a equivalendo a uma Psicanálise Aplicada.

Em sua tese de doutoramento, Dionísio (2012), embora se atenha aos estudos das artes e sua relação com a psicanálise, aponta que a Psicanálise Extramuros, embora tenha obtido êxito em investigar o que tange a cavidade entre a cultura e a experiência analítica, deixa lacunas no que diz respeito às interpretações psicanalíticas.

Com isto pretendo afirmar que, salvo a aproximação de fronteiras, a interpretação extramuros não garante, como consequência direta, o que não quer dizer que não a tenha, a demanda de implicação subjetiva inerente à legibilidade das obras de arte. (Dionísio, 2012, p. 160)

Quanto ao conceito em questão, apontamos a escassez de literatura que busca investigá-lo, sendo mais comum encontrarmos estudos que utilizam o *extramuro* enquanto modalidade/método de investigação. Tal fato pode ser explicado pela própria ausência de desenvolvimento do conceito ao longo da obra de Laplanche.

4.2 As Interações da Psicanálise de Mijolla-Mellor

Sophie de Mijolla-Mellor, ao apresentar a noção de “Interações da Psicanálise”, no *Dicionário Internacional da Psicanálise* (2009), parte da ideia de que há uma generalização do que seria a psicanálise aplicada e que as críticas até então seriam direcionadas ao caráter tecnicista das supostas aplicações, em que a teoria interpelaria o fenômeno analisado. Entretanto, aponta que quando se fala em obras de Freud que utilizam a cultura e/ou a literatura para avançar em seu próprio aporte teórico, está se falando de uma ampla gama de modalidades de análise, uma vez que a mera transposição do saber psicanalítico não era o único meio de Freud para exercer a psicanálise. Assim, “Nesse contexto, não se poderia falar de aplicação, mas, antes, de modalidades diferentes de expressões de um questionamento sobre

o sentido humano” (Mijolla-Mellor, 2009, p. 1447). Para exemplificar o que diz, a autora cita textos de Freud⁷, escritos em um espaço de tempo de apenas dois anos, nos quais o psicanalista faz uso do saber psicanalítico em campos diversos e distintos entre si, o que confirma, para Mijolla-Mellor, que a noção de aplicação não faz jus à totalidade das obras culturais e sociais do austríaco.

A autora, ao demonstrar a predileção de Freud pelas obras de cunho literário ou artístico, cita o texto sobre Leonardo da Vinci como exemplo de uma impossibilidade de “se limitar a uma aplicação do método” (p. 1448), posto que guarda uma parte de criação: “é criador porque concentra na análise da obra hipóteses e intuições que puderam ser elucidadas em outro lugar ou de outro modo” (p. 1448), ou seja, dá um caráter universal a uma descoberta particular. Pois é sabido que, mesmo com o erro de tradução cometido por Freud, erro este que teria sido crucial no desenvolver da análise, a análise da vida pessoal de Da Vinci serviu para o desenvolvimento do conceito de sublimação. Ainda, Mijolla-Mellor cita o texto da análise da escultura de Moisés, uma vez que este, diferentemente do artigo sobre Leonardo, não conteria uma análise interessada na vida do autor, mas naquilo que surge entre o espectador e a obra — a escultura de Moisés, no caso —, ao se utilizar do mesmo método que na análise de um sonho: “conjecturando por detalhes poucos visíveis o que está escondido ou pouco secreto” (p. 1448). Além do mais, a autora alega que o próprio Freud defende a utilização da psicanálise enquanto instrumento de análise, e que o saber psicanalítico teria muito a beneficiar outras áreas do conhecimento, o que acarretaria no fato de que, em uma dita Psicanálise Aplicada, não deveria se tratar apenas de um transporte conceitual, mas de uma *Interação*, defende a autora:

O interesse da psicanálise pelas outras ciências é uma via de mão dupla. Da mesma forma que a “aplicação” fora da cura leva a descobertas que interessarão à cura através do aprofundamento da teoria e do método de tratamento, também é do interesse da psicanálise deixar-se interrogar pelas ciências com as quais se confronta. Daí a idéia das “interações da

⁷ Os textos citados por Mijolla-Mellor são: *Os chistes e a sua relação com o inconsciente* (1905/1996an); *A psicanálise e a determinação dos fatos nos processos jurídicos* (1906/1996i); *Delírios e sonhos na “Gradiva” de Jensen* (1906/1996t) e *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907/1996q).

psicanálise” (S. de Mijolla-Mellor), idéia que tem por objetivo sublinhar que não existe a possibilidade de “interessar” a psicanálise por um domínio, seja ele qual for, sem submeter em troca o seu método a uma interrogação sobre os limites de sua validade. Falar de “interações da psicanálise” supõe proceder a uma inquirição epistemológica renovada sobre o valor do método psicanalítico, suas capacidades para encontrar outras lógicas e, portanto, não só proporcionar uma luz sobre o domínio onde ela se aplica, mas, em contrapartida, ser ela própria elucidada quanto à sua essência e à sua eventual fecundidade. A razão principal dessa fecundidade depende da possibilidade para a própria psicanálise de entrar em “interação”, ou seja, de se deixar, por sua vez, interrogar pelos campos para os quais ela dirige sua atenção. (Mijolla-Mellor, 2009, p. 1448-1449)

Mijolla-Mellor assinala que pensar a psicanálise em conjunto com outras áreas enquanto uma interação levaria a abandonar o caráter inanimado do objeto analisado, uma vez que ele ganharia, em certa medida, uma semelhança com o paciente. Seria necessário ao detentor do saber psicanalítico se atentar às características próprias do objeto, e “de interrogar, em primeiro lugar, quanto à sua capacidade de levar em conta não só os fatos observados, mas também a maneira de os considerar e de os investir” (p. 1449). Dessa forma, coloca as Interações da Psicanálise como comportando uma relação dialética entre a própria psicanálise e aquele outro saber com que se propõe a interagir, tendo a ganhar tanto a psicanálise, quanto a outra área em questão.

4.3 A Clínica Extensa de Herrmann

Cunhada pelo psicanalista brasileiro Fábio Herrmann, a Clínica Extensa apresenta como proposta um retorno ao que o seu criador acreditava ser o cerne da psicanálise: o método (Herrmann, 2001). Junto a isso, Herrmann apostava em uma recuperação da psicanálise acerca de seu “horizonte de vocação” (Herrmann, 2006, p. 57), alegando que no pós-freudismo a psicanálise, por ter culminado em diferentes escolas, havia se reduzido a técnicas criadas por estas e se restringido a uma terapia de consultório. Desse modo, a Clínica Extensa se estrutura também como uma aposta do autor de que a psicanálise reassuma o lugar de uma “ciência geral da psique, vale dizer, do sentido do mundo humano” (Herrmann, 2005, p. 28). Para isso, a psicanálise precisaria recuperar toda a potencialidade de seu método.

Apesar de iniciar a sua produção teórica na década de 60, o conceito de Clínica Extensa é destrinchado no III Encontro Psicanalítico da Teoria dos Campos, que posteriormente deu origem a um livro nomeado *A Psicanálise e a Clínica Extensa* (Arruda *et al.*, 2005). O livro reúne diversos textos que utilizam a extensão da clínica como forma de abordagem, em que podemos ver o seu emprego nas análises da cultura, das artes, da literatura e no próprio consultório. Assim sendo, um ponto nodal da Clínica Extensa é que ela não propõe uma oposição à psicanálise feita no divã, mas um certo “além de”, na medida em que pode ser praticada nos próprios consultórios, desde que parta de uma superação do que o seu autor acreditava ter se reduzido a psicanálise: técnicas engessadas (Herrmann, 2005, p. 17-39).

A exequibilidade dessa proposta se daria na medida em que se privilegiaria o método como principal instrumento de investigação, em relação às teorias ou às técnicas, partindo da conjectura de que, fora do consultório tradicional, as técnicas padrão — livre associação, atenção flutuante, etc. —, podem ser inexecutáveis (Herrmann, 2005, p. 19). Assim sendo, permite que o método exerça a sua ação independentemente das teorias ou técnicas — clínica padrão — que, por vezes, podem barrar a ruptura de campo (Sofio, 2015, p. 68-70), entendida a partir da teoria dos campos⁸ como sinônimo de método: “a interpretação psicanalítica rompe a estrutura de qualquer campo sobre o qual opere, pondo a descoberto suas regras inconscientes de organização” (F. Herrmann; L. Herrmann, 2012, p. 140), ficando claro, desse modo, que o método é capaz de produzir uma ruptura de campo independente do lugar em que opere, desde que haja relações e/ou produções humanas, e “é sempre clínico, [...] mas possui um espectro de utilização incomparavelmente maior que a técnica” (Herrmann, 2005, p. 19), sendo o clínico entendido como um modo de estar e se relacionar no mundo.

⁸ Teoria dos Campos, segundo Herrmann (2006), seria uma espécie de interpretação da psicanálise que parte de duas premissas: 1) A psicanálise deve ocupar o seu “horizonte de vocação”, por meio da Clínica Extensa; 2) Deve admitir as suas limitações metodológicas enquanto teoria geral do inconsciente, uma vez que “o que lhe sobra são campos, regiões psíquicas cuja lógica emocional o processo de ruptura permite compreender” (p. 66).

Importante pontuar que, aplicar a psicanálise a outros contextos além do consultório, para Herrmann (2005, p. 110), não significa tomá-la de um ponto de vista sociológico, visto que: “A psicanálise não pode e não deve fazer sociologia, mas é capaz de mostrar algumas coisas que interessam aos estudiosos da sociedades. O objeto do estudo psicanalítico chama-se psique”. Essa, segundo Herrmann (2005, p. 110), é, em essência, inconsciente, e “é o que produz sentido nas coisas humanas”, sendo o que engendra o real humano (Schaffa, 2005). E só pode ser compreendida por meio da interpretação psicanalítica:

[...] mas, aos campos que determinam tais relações, aos campos da psique do real, só se chega pela interpretação. A interpretação psicanalítica opera por meio da ruptura de campo, que faz surgir sentidos psíquicos, para tomá-los em consideração (Herrmann, 1983/2019, p. 111-112).

Para pensar a extensão da clínica é preciso uma elevação de pensamento, e, neste ponto, Herrmann (2005, p. 24) apresenta a *alta teoria*, que deve andar junto à Clínica Extensa. Alta teoria seria “a generalização dos conceitos psicanalíticos, em especial de inconsciente, às múltiplas condições do homem no mundo, não só a psicanálise de consultório” (p. 24). Desse modo, seria uma espécie de reflexão epistemológica que tem como pressuposto o conhecimento de campos íntimos à psicanálise; “é uma reflexão de caráter epistemológico que busca encontrar e descrever um campo de conhecimento afeito à psicanálise” (Taffarel, 2005, p. 424). O ponto central seria a interação entre a epistemologia e as teorias psicanalíticas (Herrmann, 2005, p. 24). O autor, anteriormente, já havia a definido como

[...] as linhas que medeiam entre o rigor absoluto do método psicanalítico – com seu repertório -de conceitos elucidativos: campo, ruptura de campo, expectativa de trânsito, vórtice etc. – e as linhas ocupadas pelas hipóteses especulativas mais gerais a respeito da psique humana, a metapsicologia. (Herrmann, 2002, p. 19)

O que sustentaria a extensão da clínica é a função terapêutica, “é a propriedade de nosso método que assegura a inseparável convivência entre saber e cura” (Herrmann, 2005, p. 25). Quando ocorre uma ruptura de campo, o efeito é, também, a possibilidade de uma abertura para a mudança, que pode ocorrer em qualquer âmbito, do individual ao social (Herrmann, 2005, p. 25). O autor parte do

pressuposto de que a aplicação do método psicanalítico tem sempre uma dimensão de cura, mesmo quando não há uma patologia em jogo (Herrmann, 2003, p. 82). Nesse sentido, a cura se daria justamente pela abertura a uma possibilidade de mudança.

É interessante notar que, para o autor em questão, seria por meio de uma flexibilidade das técnicas que a psicanálise poderia avançar para o horizonte que Freud vislumbrava, e que isso não faria da psicanálise *impura*, como o austríaco havia afirmado, pois o seu potencial estaria mantido enquanto seu método pudesse operar com toda a sua potência, mas seria justamente para isso que a técnica teria que ser questionada: há lugares onde ela se tornaria obsoleta, sendo necessário reinventá-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Pelo menos uma dúzia de vezes durante os últimos anos li em relatórios de congressos e de órgãos científicos, ou em resenhas críticas de certas publicações, que agora a psicanálise está morta, derrotada e eliminada de uma vez por todas. A melhor resposta a isso seria nos termos do telegrama de Mark Twain ao jornalista que publicou a notícia falsa de sua morte: “Informação sobre minha morte muito exagerada”. Depois de cada um desses obituários a psicanálise ganhava novos adeptos e colaboradores ou adquiria novos canais de publicidade. Afinal de contas, ser declarado morto é melhor do que ser enterrado em silêncio”. (Freud, 1914/1996f, p. 44)

Freud, motivado por sua ambição de expansão, juntamente ao seu desejo de desmedicalizar e tirar a sua criação da detenção médica, fez da psicanálise instrumento de análise dos mais diversos fenômenos humanos, buscando alianças com diferentes esferas do saber, sobretudo as humanidades. Apesar de tantas controvérsias que circundam esta modalidade de análise desde o seu início, é inegável a contribuição da psicanálise aplicada à clínica e à metapsicologia psicanalítica.

Compreendendo a Psicanálise Aplicada enquanto uma modalidade que abarca diversos significados em si, e que comporta uma insuficiência em sua delimitação, apresentamos uma divisão por categorias, entendendo que tal feito poderia servir enquanto um organizador de campo. E mostramos que ambas categorias, a sociopolítica e a ética-estética, relacionaram-se de forma dialética com a clínica de consultório, no ensino freudiano. Uma alimentando a outra; ora com conceitos, ora com novas teorias. Nesse sentido, seria improvável pensar em uma clínica (aqui comportando toda a potencialidade do termo) psicanalítica sem as aplicações, mesmo que com tantas controvérsias.

Não obstante, as aplicações floresceram debates entre os psicanalistas e teóricos da psicanálise. Pontalis se dedicou a investigar o limite do analisável, e a partir da audácia de analistas como Ferenczi e Reich, instituiu que o limite se

encontra nos confins; ou seja, é justamente nas dificuldades que o saber analítico pode avançar. Hanly, aguçado por uma metodologia pragmática, investigou onde e quais verdades residiam na aplicação, localizando tanto a correspondente como a coerente nas obras freudianas. Para além de um fazer analítico exterior às paredes de um consultório, Laurent argumentou sobre a importância social do psicanalista ao utilizar o dispositivo analítico a favor do laço social e democrático.

A partir da análise de textos freudianos emblemáticos no que tange a aplicação, *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910/1996x), *O Moisés de Michelangelo* (1914/1996aj), *Totem e Tatu* (1913/1996bd), e *O Mal-estar civilização* (1930/1996ai), investigamos as bases para se pensar em uma psicanálise sociopolítica-cultural e uma psicanálise ética e estética, o que nos permitiu demonstrar como as aplicações freudianas proporcionaram uma troca com a metapsicologia e com a clínica de consultório. E que Freud, mesmo que com “impertinências metodológicas”, como sinalizou Smadja (2016), balizava-se sempre à procura do método psicanalítico: procurando o inconsciente em determinado fenômeno ou organização.

A Psicanálise Aplicada causou não apenas inquietações sobre quais pilares sustentavam e circundavam o seu fazer, como as citadas acima, mas também levou teóricos e clínicos da psicanálise a repensarem essa modalidade enquanto instrumento de análise, e, tocados pela problemática da aplicação, a buscaram reinventá-la, concebendo novas modalidades de se pensar a psicanálise em consonância com outros saberes, ou como método de investigação de uma expressão humana, que não a fala. Assim sendo, podemos dizer que esses novos saberes também se constituem no que seria um novo posicionamento epistemológico da própria Psicanálise Aplicada.

Como exemplo, citamos dois psicanalistas brasileiros da mesma universidade, Miriam Debieux Rosa e João Augusto Frayze-Pereira, que trabalharam com a ideia de *implicação*. A primeira, inserida no campo da sociopolítica, tencionou usar o saber psicanalítico como método de escuta de sujeitos submetidos a discursos sócio-políticos que apagavam sua condição de sujeitos; um modo de fazer

circular o dispositivo analítico para além dos consultórios. O segundo, envolvido no campo da estética, a partir de críticas ao termo aplicação e da relegação do olhar por parte de alguns analistas, elege o termo Psicanálise Implicada para se referir ao enlace possível entre psicanálise e expressões estéticas. Para além desses dois autores, com tantas especificidades parecidas, embora sem contato teórico entre eles, apresentamos mais três: Mijolla-Mellor e Herrmann, que tencionaram trabalhar e reinventar o método psicanalítico exterior ao consultório, e Laplanche, que situou a aplicação enquanto uma das quatro experiências psicanalíticas.

A partir desse percurso apresentado, foi possível constatar que, tanto em Freud quanto nos autores citados, o que sempre esteve no centro da questão foi o método psicanalítico, a possibilidade de alcançá-lo mesmo quando fora do consultório e fora da relação transferencial entre analista e analisando, ou seja, de fazer surgir o inconsciente implícito em determinado fenômeno ou organização estética e/ou política. Dessa forma, o fazer fora do consultório estaria em consonância com os balizadores clínicos (consultório) na medida em que o método precisaria ser preservado, mesmo que as técnicas tenham que ser questionadas. O que nos leva ao fato de que os autores privilegiaram outras denominações que não a *aplicada* para que elas pudessem estar em acordo com uma psicanálise ética em sua essência, e não caísse em uma psicanálise selvagem, de apagamento do outro.

Ainda, o que parece estar em jogo, e que foi apontado com a *Psicanálise em Extensão* de Lacan, é a transmissão da psicanálise. Não à toa Lacan nomeia o seu lugar de ensino de *escola*, pois havia a pretensão de ampliar o acesso ao saber psicanalítico àqueles fora do campo médico (pretensão que também era de Freud), restrição imposta pela IPA até então. Um marco singular do que é chamado de Psicanálise Aplicada é justamente o contato estrito com outras áreas do conhecimento. O grande desafio é manter a sua ética clínica, no amplo significado do termo, quando exercida além do *setting tradicional*, o que levou os autores citados a revisarem e recriarem essa modalidade de transmissão e análise, buscando um encontro com a ética da psicanálise, e um afastamento de uma psicanálise selvagem.

Por fim, este estudo buscou apresentar os desdobramentos *epistemológicos* que surgiram a partir da Psicanálise Aplicada. Ou seja, de explicar como a aplicação em Freud serviu de base para que novos saberes pudessem se construir e se sustentar enquanto uma modalidade do fazer analítico fora dos moldes tidos enquanto tradicionais, e em consonância com outras áreas do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ABREU, D. N. A prática entre vários: a psicanálise na instituição de saúde mental. *Estudos e pesquisas em psicologia*, [s. l.], v. 8, n. 1, 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/10849/8498>. Acesso em: 4 mar. 2023.

ABREU, D. N. O analista na cidade: impasses e enlaces entre psicanálise pura e psicanálise aplicada. *Revista Asephallus*, [s. l.], v. 5, n. 9, 2009. Disponível em: http://www.isepol.com/asephallus/numero_09/artigo_02_revista9.html. Acesso em: 4 mar. 2023.

ALENCAR, S. L. S. *A experiência do luto em situação de violência: entre duas mortes*. 2011. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

AMARAL, M. O primado do outro no campo da psicanálise: um diálogo com Laplanche. *Revista brasileira de psicanálise*, [s. l.], v. 47, n. 3, p. 27-40, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2013000300003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 4 mar. 2023.

Aplicado. *In: DICIO*, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aplicado/>. Acesso em: 6 ago. 2023.

BATISTA, K. R. O. B.; CUNHA, E. L. A. Experiência Psicanalítica na Investigação Social: Considerações sobre o Método. *Ecos – Estudos contemporâneos da psicanálise*, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 260-275, 2012.

BIRMAN, J. A leitura freudiana da política. *In: Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 55-68, 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652016000200004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 jun 2023.

BIRMAN, J. Apresentação: Cartografia psicanalítica da política. *In: BIRMAN J.; FORTES, I.; MACEDO, M. (org.). Psicanálise e Política*. 1. ed. São Paulo: Zagodoni, 2020a. p. 11-13.

BIRMAN, J. Governabilidade no discurso freudiano. *In: BIRMAN J.; FORTES, I.; MACEDO, M. (org.). Psicanálise e Política*. 1. ed.. São Paulo: Zagodoni, 2020b. p. 15-34.

BIRMAN, J. Retomada da psicanálise no discurso político na contemporaneidade. *Trivium – Estudos Interdisciplinares*, [s. l.], v. 13, n. esp., p. 49-55, 2021. Disponível

em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912021000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 20 jun. 2023.

BIRMAN, J. Sujeito e estilo em psicanálise: Sobre o indeterminismo da pulsão no discurso freudiano. *Séries: Estudos em Saúde Coletiva*, [s. l.], n. 34, 1993. Disponível em: <https://www.ims.uerj.br/wp-content/uploads/2017/05/SESC-045.pdf>. Acesso em 20 jun. 2023.

CAMPOS, E. B. V. A concepção de sublimação no trabalho de Jean Laplanche. *Psicologia em estudo*, [s. l.], v. 18, n. 3, p. 465-474, 2013.

CAPELOZZA, M. S.; CAMPOS, É. B. V. Entre a poética e a estética: um inusitado encontro da psicanálise com a arte. *Ide*, [s. l.], v. 42, n. 70, p. 13-29, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062020000200002&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 20 jun. 2023.

CONDE, P. J.; COSTA, A. F. C. Perspectivas metodológicas na investigação psicanalítica envolvendo mitologia: algumas discussões. *Perspectivas em Psicologia*, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 48-58, 2019.

DA VINCI, L. *Mona Lisa*. 1503-1506. 1 original de arte, óleo sobre madeira, 77 x 53 cm. Museu do Louvre.

DA VINCI, L. *Retrato Sant'Ana com a Madona e o Menino*. 1513. 1 original de arte, óleo sobre madeira, 168 x 112 cm. Museu do Louvre.

DIONÍSIO, G. *Pede-se abrir os olhos: psicanálise e reflexão estética hoje*. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2012.

DIONÍSIO, G. Enquadres clínicos, enquadramentos estéticos. *Arte e Psicanálise. Revista Impulso*, [s. l.], v. 24, n. 60, p. 113-122, 2014.

ECHEVARRIA, R. Práticas Psicanalíticas: O dualismo entre intensão e extensão. *Correio APPOA*, [s. l.], p. 01-05, ago. 2017.

ENDO, P. O Psicanalista é um intelectual? *Pulsional – Revista de Psicanálise*, [s. l.], v. 21, n. 3, p. 19-30, 2008.

ENDO, P. Jacques Derrida e a psicanálise: provocar, convocar, evocar e (re)existir. *Alea*, [s. l.], v. 22, n. 3, p. 125-135, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1517-106X/2020223125135>

FRANCISCHELLI, L. IPA – Cem anos de resistência. *Revista brasileira de Psicanálise*, [s. l.], v. 44, n. 1, p. 35-44, 2010. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0486-641X2010000100006&script=sci_abstract. Acesso em: 3 out. 2023.

FRAYZE-PEREIRA, J. A. *Arte, Dor: Inquietudes entre Estética e Psicanálise*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2006.

FRAYZE-PEREIRA, J. A. Estudo controverso permitiu a Freud pensar a psicanálise com Da Vinci: psicanálise aplicada, psicanálise implicada. *Revista Brasileira de Psicanálise*, [s. l.], v. 55, n. 1, p. 147-164, 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2021000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 3 mar. 2023.

FREUD, S. Carta de Freud a Fliess de 20 de junho de 1898 – Die Richterin – A Juíza. In: MASSON, M. M. (ed.). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887/1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1986. p. 318-320.

FREUD, S. [1919]. Prefácio a Ritual: Estudos psicanalíticos de Reik. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. v. XVII, p. 279-282.

FREUD, S. [1921]. Psicologia de grupo e a análise do ego. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. v. XVIII, p. 75-146.

FREUD, S. [1911]. 'Grande é Diana dos Efésios'. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. v. XII, p. 371-372

FREUD, S. [1932]. A aquisição e o controle do fogo. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996d, v. XXII, p. 183-188.

FREUD, S. [1940]. A cabeça da Medusa. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. v. XVIII, p. 283-284.

FREUD, S. [1914]. A história do movimento psicanalítico. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996f. v. XIV, p. 15-73.

FREUD, S. [1900]. A interpretação dos sonhos In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996g, v. IV.

FREUD, S. [1913]. A ocorrência, em sonhos, de material oriundos de contos de fadas. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996h. v. XII, p. 305-310.

FREUD, S. [1906]. A psicanálise e a determinação dos fatos nos processos jurídicos. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996i. v. IX, p. 91-104.

FREUD, S. [1910]. A significação antitética das palavras primitivas. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996j. v. XI, p. 157-166.

FREUD, S. [1911]. A significação de uma sequência de vogais. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996k. v. XII, p. 369.

FREUD, S. [1920]. Além do princípio de prazer. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996l. v. XVIII, p. 13-72.

FREUD, S. [1914]. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996m. v. XIII, p. 251-258.

FREUD, S. [1938]. Anti-Semitismo na Inglaterra. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996n. v. XXIII, p. 319-320.

FREUD, S. [1929]. Apêndice: Uma carta de Freud a Theodor Reik. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996o. v. XXI, p. 199-200.

FREUD, S. [1910]. As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996p. v. XI, p.143-156.

FREUD, S. [1907]. Atos obsessivos e práticas religiosas. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996q. v. IX, p. 109-117.

FREUD, S. [1897]. Carta 71. (15 de outubro de 1897). *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996r. v. I. p. 320-323.

FREUD, S. [1910]. Carta ao Dr. Friedrich S. Krauss sobre a ANTHROPOPHYTEIA. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996s. v. XI, p. 245-246.

FREUD, S. [1907]. Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996t. v. IX, p. 19-88.

FREUD, S. [1928]. Dostoievski e o parricídio. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996u. v. XXI, p. 183-198.

FREUD, S. [1908]. Escritores criativos e devaneio. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996v. v. IX, p. 135-143.

FREUD, S. [1913]. Introdução a The Psycho-Analytic method, de Pfister. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996w. v. XII, p. 355-358.

FREUD, S. [1910]. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996x. v. XI, p. 67-141.

FREUD, S. [1918]. Linhas de progresso na terapia psicanalítica. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996y. v. XVII, p. 171-181.

FREUD, S. [1939]. Moisés e o Monoteísmo. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996z. v. XXIII, p. 15-66.

FREUD, S. [1908]. Moral sexual 'civilizada' e a doença nervosa moderna. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996ab. v. IX, p. 169-186.

FREUD, S. [1911]. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (*dementia paranoides*). *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das*

Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996ac. v. XII, p. 15-89.

FREUD, S. [1933]. Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996ad. v. XXII, p. 13-177.

FREUD, S. [1919]. O estranho. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996ae. v. XVII, p. 235-269.

FREUD, S. [1927]. O futuro de uma ilusão. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996af. v. XXI, p. 15-63.

FREUD, S. [1927]. O humor. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996ag. v. XXI, p. 165-170.

FREUD, S. [1913]. O interesse científico da psicanálise. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996ah. v. XIII, p. 173-198.

FREUD, S. [1930]. O Mal-estar na civilização. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996ai. v. XXI, p. 67-148.

FREUD, S. [1914]. O Moisés de Michelangelo. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996aj. v. XIII, p. 219-250.

FREUD, S. [1930]. O prêmio Goethe. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996ak. v. XXI, p. 211-219.

FREUD, S. [1918]. O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor III). *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996al. v. XI. p. 197-215.

FREUD, S. [1913]. O tema dos três escrínios. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996am. v. XII, p. 315-325.

FREUD, S. [1905]. Os chistes e a sua relação com o inconsciente. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996an. v. VIII.

FREUD, S. [1911]. Os sonhos no folclore (Freud e Oppenheim). *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996ao. v. XII, p. 197-220.

FREUD, S. [1942]. Personagens psicopáticos no palco. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996ap. v. VII, p. 289-198.

FREUD, S. [1933]. Por que a guerra? *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996aq. v. XXII, p. 191-208.

FREUD, S. [1933]. Prefácio a “A vida e as obras de Edgar Allan Poe: uma interpretação Psicanalítica”, de Marie Bonaparte. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996ar. v. XXII, p. 252.

FREUD, S. [1925]. Prefácio a juventude desorientada, de Aichhorn. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996as. v. XIX. p. 313-314.

FREUD, S. [1913]. Prefácio a Scatologic rites of all nations, de Bourke. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996at. v. XII, p. 363-365.

FREUD, S. [1910]. Psicanálise ‘Silvestre’. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996au. v. XI. p. 229-239.

FREUD, S. [1912]. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996av. v. XII. p. 123-133.

FREUD, S. [1914]. Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996aw. v. XII, p. 161-171.

FREUD, S. [1915]. Reflexões para o tempo de guerra e morte. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996ax. v. XIV, p. 285-312.

FREUD, S. [1906]. Resposta a um questionário sobre leitura. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996ay. v. IX, p. 225-226.

FREUD, S. [1901]. Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996az. v. VI.

FREUD, S. [1916]. Sobre a transitoriedade. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996ba. v. XIV, p. 317-319.

FREUD, S. [1914]. Sobre o narcisismo: uma introdução. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996bc. v. XIV, p. 77-108

FREUD, S. [1913]. Totem e Tabu. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996bd. v. XIII, p. 13-167.

FREUD, S. [1905]. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996be. v. VII, p. 119-217.

FREUD, S. [1938]. Um comentário sobre o anti-semitismo. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996bf. v. XXIII, p. 311-312.

FREUD, S. [1916]. Um paralelo mitológico com uma obsessão visual. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996bg. v. XIV, p. 351-352.

FREUD, S. [1923]. Uma breve descrição da psicanálise. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996bh. v. XIX, p. 215-236.

FREUD, S. [1928]. Uma experiência religiosa. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996bi. v. XXI, p. 175-177.

FREUD, S. [1923]. Uma neurose demoníaca do século XVII. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996bj. v. XIX, p. 89-122.

FREUD, S. [1925]. Uma nota sobre o 'bloco mágico'. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996bk. v. XIX, p. 257-261.

FREUD, S. [1917]. Uma recordação de infância de *dichtung und wahrheit*. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996bl. v. XVII, p. 159-167.

FREUD, S. [1923]. Dois verbetes de enciclopédia. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996bm. v. XVIII, p. 245-268.

HANLY, C. *O Problema da Verdade na Psicanálise Aplicada*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

HERRMANN, F. *Introdução à Teoria dos Campos*. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

HERRMANN, F. Da Clínica Extensa à alta teoria: a história da psicanálise como resistência à Psicanálise. *Percurso: Revista de Psicanálise*, [s. l.], n. 29, p. 15-20, 2002.

HERRMANN, F. Duas notas sobre o itinerário da psicanálise. *Revista de Psicologia da USP*, [s. l.], v. 14, n. 3, p. 79-88, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642003000300008>

HERRMANN, F. Clínica Extensa. In: ARRUDA, P. B. A.; FRAYZE-PEREIRA, J. A.; SADDI, L.; FREITAS, S. R. M. S. (coord.). *A Psicanálise e a Clínica Extensa*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2005. p. 17-31.

HERRMANN, F. Psicanálise, Ciência e Ficção. *Jornal de Psicanálise*, [s. l.], v. 39, n. 7, p. 55-79, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100004&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 4 mar. 2023.

HERRMANN, F. [1983]. *O que é Psicanálise: para iniciantes ou não...* 14. ed. São Paulo: Blucher, 2019.

HERRMANN, F.; HERRMANN, L. Notas sobre o campo psicanalítico. *Ide*, [s. l.], v. 35, n. 54, p. 139-147, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062012000100013&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 4 mar. 2023.

IMPLICADO. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/implicado>. Acesso em: 6 ago. 2023.

KOBORI, E. Algumas considerações sobre o termo Psicanálise Aplicada e o Método Psicanalítico na análise da Cultura. *Revista de Psicologia da Unesp*, [s. l.], v. 12, n. 2, p. 73-81, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/revpsico/v12n2/a06.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2023.

KOYRÉ, A. [1943]. *Galileu e Platão*. Lisboa: Gradiva, 1986.

LACAN, J. [1967]. Proposição de 9 de outubro sobre o Psicanalista de escola. *In*: LACAN, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 248-264.

LAPLANCHE, J. *Problemáticas III: a sublimação*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

LAPLANCHE, J. [1987]. *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. [1967]. *Vocabulário da psicanálise*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LAURENT, E. O analista Cidadão. *Curinga – Revista da EBP*, [s. l.], n. 13, p. 07-13, 1999.

LOPES, A. J. Leonardo da Vinci, Freud e o estranho familiar: ('Das Unheimlich'). *Estudos de Psicanálise*, [s. l.], v. 54, p. 75-94, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372020000200009&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 4 mar. 2023.

LUSTOSA, P. R. A pesquisa em psicanálise: entre a técnica, a extensão e a intensão. *In*: Estados gerais da psicanálise: Encontro Mundial, II., 2003, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2013. Disponível em: http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/download/3e_Lustosa_35010903_port.pdf. Acesso em: 4 mar. 2023.

MAGRITTE, R. *Ceci n'est pas une pipe*. 1929. 1 original de arte, óleo sobre tela, 63,5 x 93,98 cm. Museu de Arte do Condado de Los Angeles. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/The_Treachery_of_Images. Acesso em: 7 ago. 2023.

MARTIN, P. L. *A literatura como fonte do pensamento de Freud*. 2016. Monografia (Especialização) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2016. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/27448/1/PATRICIA%20LOPES%20MARTIN.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2023.

MENDES, E. R. P. Um jogo de espelhamentos, a partir do Moisés de Michelangelo. *Reverso*, [s. l.], v. 27, n. 52, p. 21-30, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952005000100003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 4 mar. 2023.

MEZAN, R. *Freud, pensador da cultura*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MICHELANGELO. *Moisés*. 1513-1515. 1 escultura em mármore. Basílica de São Pedro Acorrentado.

MIJOLLA-MELLOR, S. Psicanálise aplicada/Interações da Psicanálise. In: MIJOLLA, A. (ed.). *Dicionário Internacional da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2009. p. 1447-1449.

MILLER, J. A. Psicanálise Pura, Psicanálise Aplicada e Psicoterapia. *Opção Lacaniana Online*, [s. l.], Nova Série, Ano 8, n. 22, p. 01-47, mar. 2017. Disponível em: http://opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_22/Psicanalise_pura.pdf. Acesso em: 4 mar. 2023.

MORAIS, M. V.; NETO, F. K. Psicanálise e acompanhamento terapêutico: Quando a cidade se torna o *setting* Analítico da psicose. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 01-09, 2021.

NUNBERG, H. [1959]. Introdução. In: CHECCHIA, M.; TORRES, R.; HOFFMANN, R. (org.). *Os primeiros psicanalistas. 1906-1908: as famosas reuniões de quarta-feira conduzidas por Sigmund Freud*. São Paulo: Scriptorium, 2015. v. I, p. 16-38.

PADOVAN, C.; DARRIBA, V. A noção de psicanálise aplicada nos primeiros anos do movimento psicanalítico. *Revista de Psicologia da USP*, [s. l.], v. 27, n. 1, p. 104-11, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-656420140014>

PASSARELLI, V. L. S. *Em torno da Psicanálise Aplicada*. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. DOI: 10.11606/D.47.2012.tde-08022013-101012

PONTALIS, J. B. [1977]. Bordas ou confins? *In*: PONTALIS, J. B. *Entre o sonho e a dor*. São Paulo: Editora Ideais e Letras, 2021. v. 2, p. 211-225.

REA, S. Resenha: Arte, Dor: Inquietudes entre estética e Psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, [s. l.], v. 43, n. 2, p. 191-194, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v43n3/v43n3a19.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2023.

RIBEIRO, J. M. L. C; BASTOS, A. O Lugar do analista na extensão da psicanálise à inclusão escolar. *Estilos da Clínica*, [s. l.], v. 12, n. 23, p. 26-35, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282007000200003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 4 mar. 2023.

ROCHA, G. M. O Moisés de Freud: entre o Sublime e a Sublimação. *Cógito*, [s. l.], v. 13, p. 68-75, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792012000100011&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 4 mar. 2023.

ROSA, M. D. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, [s. l.], v. 4, n. 2, p. 329-348, 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000200008&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 4 mar. 2023.

ROSA, M. D. Psicanálise Implicada: Vicissitudes das práticas clínico-políticas. *Veredas Psi*, [s. l.], p. 01-10, 2012. Disponível em: <https://psicanalisespolitica.files.wordpress.com/2014/06/4-rosa-m-d-psicanc3a1lise-implicada-vicissitudes-das-prc3a1ticas-clinicopolc3adticas-revista-da-associac3a7c3a3o-psicanalc3adtica-de-porto-alegre-v-41-p-29-40-20131.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2023.

ROSA, M. D., ESTEVÃO, I. R.; BRAGA, A. P. M. Clínica Psicanalítica Implicada: Conexões com a cultura, a sociedade e a política. *Psicologia em Estudo*, [s. l.], v. 22, n. 3, p. 359-369, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/35354/pdf>. Acesso em: 3 mar. 2023.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

SCHAFFA, S. L. Comentário: A “Violência silenciada” de Ludmila Kloczak e “Psicanálise e Cultura” de Camila Salles Gonçalves. *In: ARRUDA, P. B. A.; FRAYZE-PEREIRA, J. A.; SADDI, L.; FREITAS, S. R. M. S. (coord.). A Psicanálise e Clínica Extensa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p. 71-80.

SHAPIRO, M. Leonard and Freud: an art-historical study. *Journal of the History of Ideas*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, v. XVII, n. 2, p. 147-178, 1956.

SEABRA SANTOS, B. V. B. *Sobre a subjetividade e a objetividade na obra de Pierre Bourdieu: uma investigação conceitual*. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Assis, Assis, SP, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/a7a50f33-6c8b-4de5-857e-6e237293c699/content>. Acesso em: 3 out. 2023.

SIMANKE, R. T.; CAROPRESO, F. Considerações preliminares acerca de um método histórico-conceitual para a pesquisa teórica em psicanálise. *In: FULGENCIO, L.; BIRMAN, J. et al. Modalidades de pesquisa em Psicanálise: Métodos e objetivos*. São Paulo: Zagodoni, 2018. p. 55-68.

SMADJA, E. Freud e a cultura. *Ide*, [s. l.], v. 38, n. 61, p. 171-182, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062016000100014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 7 ago. 2023.

SOARES, E. A psicanálise em extensão e sua intensão. *aSEPHallus*, [s. l.], n. 8, 2009. Disponível http://www.isepol.com/asephallus/numero_08/artigo_07_port.html. Acesso em: 6 ago. 2023.

SOFIO, F. *Literacura: Psicanálise como forma literária*. São Paulo: FAP-Unifesp, 2015.

STRACHEY, J. [1910]. Nota do Editor Inglês. *In: FREUD, S. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. v. 11, p. 221.

STRACHEY, J. [1914]. Nota do editor Inglês. *In: FREUD, S. Moisés de Michelangelo. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. v. 13, p. 221.

TAFFAREL, M. A alta teoria: Uma proposta para a recorrente questão da relação teoria-prática. *In: ARRUDA, P. B. A.; FRAYZE-PEREIRA, J. A.; SADDI, L.; FREITAS, S. R. M. S. (coord.). A Psicanálise e Clínica Extensa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p. 417-424.

TEIXEIRA, L. C. O lugar da literatura na constituição da clínica psicanalítica em Freud. *Psychê*, [s. l.], v. 9, n. 16, p. 115-132, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000200008&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 20 jun. 2023.